



Universidade Federal
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores
Unidade Acadêmica de Educação
Campus de Cajazeiras - PB



KELLYANE MARIA DANTAS

**“CADA UM SABE A DOR E A DELÍCIA DE SER O QUE É”: ANÁLISE SOBRE
SER HOMOSSEXUAL NA UNIVERSIDADE.**

CAJAZEIRAS/PB
2017

KELLYANE MARIA DANTAS

**“CADA UM SABE A DOR E A DELÍCIA DE SER O QUE É”: ANÁLISE SOBRE
SER HOMOSSEXUAL NA UNIVERSIDADE.**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande/PB – Campus Cajazeiras/PB, como requisito para obtenção do Grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª. Ms. Ane Cristine Hermínio Cunha.

CAJAZEIRAS/PB
2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

D192c Dantas, Kellyane Maria
“Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é”: análise sobre ser
homossexual na universidade. / Kellyane Maria Dantas. - Cajazeiras,
2017.
64p.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Ma. Ane Cristine Hermínio Cunha.
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) UFCG/CFP, 2016.

1. Sexualidade. 2. Homossexualidade. 3. Discentes homossexual.
I. Cunha, Ane Cristine Hermínio. II. Universidade Federal de
Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU –612.6.057

KELLYANE MARIA DANTAS

**"CADA UM SABE A DOR E A DELÍCIA DE SER O QUE É": ANÁLISE
SOBRE O SER HOMOSSEXUAL NA UNIVERSIDADE**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande/PB – Campus Cajazeiras/PB, como requisito para obtenção do Grau de Licenciada em Pedagogia.

APROVADA EM: 29 / Março / 2017

BANCA EXAMINADORA:

Ana Cristine Herminio Cunha
PROF.^a. MS. ANE CRISTINE HERMINIO CUNHA
(ORIENTADORA/UFPG-CFP-UAE)

Belijane Marques Feitosa
PROF.^a. MS. BELIJANE MARQUES FEITOSA
(TITULAR/UFPG-CFP-UAE)

Maria Thais de Oliveira Batista
PROF.^a. MARIA THAIS DE OLIVEIRA BATISTA
(TITULAR/UFPG-CFP-UAE)

Com todo meu carinho aos meus pais, ao meu irmão e amigos que sempre foram a base de tudo em minha vida.

Dedico

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me conceder a dádiva da vida e por me dar força necessária para enfrentar e vencer todos os desafios ao longo desse percurso e principalmente na elaboração desse trabalho, que por vezes pensei que não iria conseguir.

Aos meus pais, que mesmo não tendo a oportunidade de estudar, fizeram de tudo para me proporcionar uma boa educação e assim conseguir meu diploma do Ensino Superior.

Ao meu irmão, José Kleyton Dantas, que desde a minha infância sempre foi meu o meu principal apoio.

A Priscilla Carlos, que foi de grande relevância para que eu desse continuidade aos meus estudos que haviam sido deixados de lado.

A minha prima, Ana Cláudia Silva, que me ajudou a não desistir do curso quando enfrentei dificuldades para ingressar a universidade.

A Nyedja Nara Fortunato de Abrantes, por todas as dúvidas esclarecidas, por todos os ensinamentos, por toda disponibilidade em me ajudar quando precisava, por ter acolhido tão bem uma novata cheia de vontade de conhecer o universo acadêmico.

A Adriana Alves de Souza e Maria Thaís de Oliveira Batista, por terem me ajudado pacientemente a esclarecer todas as minhas dúvidas e questionamentos ao longo da construção desse trabalho.

Aos meus amigos, que respeitaram o meu tempo e principalmente a falta dele, compreendendo as renúncias necessárias em não poder estar presente em muitos momentos de confraternização. Em especial, André Braga Costa, que foi meu conforto, meu auxílio. Um companheiro leal durante toda essa jornada.

Aos meus colegas de turma, que em quase cinco anos de caminhada juntos construímos um laço de irmandade e assim enfrentamos e vencemos todas as etapas para que chegássemos até aqui, na certeza que essas amizades irão ultrapassar os muros da universidade. De um modo particular e especial, a

Rosemary da Silva Sousa e Wigna Begna Fernandes Garrido, que juntas formamos um trio inseparável em todas as atividades acadêmicas, do início ao fim do curso, criando um vínculo mais forte de amizade.

A todo o corpo docente da Unidade Acadêmica de Educação - UAE, que muito contribuiu para meu crescimento e formação profissional e pessoal.

A minha orientadora, Ane Cristine Hermínio Cunha, por ter sido não apenas uma orientadora, mas uma amiga durante toda caminhada acadêmica e mais especificamente na construção desse trabalho. Por toda a paciência que teve comigo, por ter me acalmado sempre que percebia minhas inquietações e que durante esta caminhada sempre me transmitiu segurança, conforto e tranquilidade, me fazendo acreditar que era possível, acreditando em mim, até mesmo quando eu já não acreditava, tendo uma relevância ímpar em todo meu processo de crescimento profissional e pessoal. A minha eterna gratidão!

Aos componentes da banca, a professora Belijane Marques Feitosa e a professora Maria Thaís de Oliveira Batista, por terem aceitado o convite para participar da última etapa desse momento da minha vida acadêmica. Agradeço-os por também terem sido parte importante na minha formação nessa instituição.

Aos sujeitos da pesquisa, por terem se disponibilizado em compartilhar suas histórias de vida, que foi de grande relevância para a construção desse trabalho.

A todos que, de forma direta ou indireta, contribuíram para minha formação profissional e pessoal, o meu mais sincero obrigado.

“Talvez não tenha conseguido fazer o melhor, mas lutei para que o melhor fosse feito. Não sou o que gostaria de ser, mas graças a Deus, não sou o que era antes”.

(Marthin Luther King)

RESUMO

A sexualidade é algo inerente ao ser humano, no entanto, ainda é repleta de muitos questionamentos, tornando-a um assunto bastante complexo e evitado ainda por algumas pessoas. Se falar da sexualidade já não é tão fácil, trabalhar sobre a homossexualidade acarreta ainda mais a discussão. Em vista disso, este trabalho teve como objetivos analisar como os discentes vivenciam a sua homossexualidade dentro da universidade, identificar as vivências de ser homossexual nas relações parentais e verificar como acontece a aceitação dos discentes homossexuais por parte da classe estudantil. Tomando como base os princípios da pesquisa descritiva, com ênfase na abordagem qualitativa. Foi desenvolvido um diálogo entre os resultados da pesquisa e estudos teóricos que envolve o tema em questão. O instrumento de coleta usado para esta pesquisa foi o Teste de Associação Livre de Palavras (TALP), sendo utilizadas doze palavras estímulos para obtenção dos dados. A coleta de dados foi realizada com seis discentes homossexuais do CFP, da Universidade Federal de Campina Grande, na cidade de Cajazeiras, localizada no Alto Sertão da Paraíba. O referencial teórico traz um breve relato sobre a história da sexualidade, e em seguida sobre a homossexualidade. Para construção desse referencial se fez necessário estudar teóricos como Michel Foucault (2013), Guacira Lopes Louro (2013), Jimena Furlani (2009), Luís Palhano Loiola (2006), Anderson Fontes Passos Guimarães (2009) entre outros. Foi analisado a universidade como espaço de convivência, de resistência, crescimento e dos preconceitos vivenciados. A pesquisa apontou que a universidade é um espaço de liberdade mas também de resistência, e que embora os discentes se sintam bem dentro da instituição eles ainda presenciam preconceitos contra homossexuais mesmo que não seja de forma explícita. E que ainda é necessário que os discentes lutem pela conquista de espaço dentro e fora da universidade sem medo de se declarar homossexuais, enfrentando o medo de serem agredidos e mortos por homofóbicos, para que estas lutas resultem em conquistas de espaço e direitos civis dentro da sociedade, como as conquistas que já vem acontecendo nessa última década.

Palavras-Chave: Sexualidade. Homossexualidade. Universidade. Discentes.

ABSTRACT

The sexuality is something inherent to the human being, however, it is still full of many questionings, becoming it a sufficiently complex and prevented subject still for some people. If to speak of sexuality is not already so easy, work on the homosexuality causes even more discussion. Thus, this work had as a main goal to analyze how the students experience their homosexuality within the university, identify the experiences of being homosexual in the parental relationships and verify how the acceptance of the homosexual learners by the study classroom group occurs. Taking as base the principles of the descriptive research, with emphasis in the qualitative approach. A dialogue was developed between the theoretical results of the research and the studies that the current subject involves. The instrument of collection used for this research was the Free Test of Association of Palavras (TALP), being used twelve words of stimulations to get the data. The collection of data was realized with six homosexual students of the CFP, the Federal University of Campina Grande, in the city of Cajazeiras, located in the Alto Sertão da Paraíba. The theoretical reference brings a brief story on history of the sexuality, and after that on the homosexuality, for the construction of this referential it was necessary to study theoretical people as Michel Foucault (2013), Guacira Lopes Louro (2013), Jimena Furlani (2009), Luis Palhano Loiola (2006), Anderson Fontes Guimarães Steps (2009) among others. The university was analyzed as a convivence space, of resistance, growth and of the prejudice lived. The research pointed out that the university is a space of freedom but also of resistance, and that even so the students feel well inside the institution they still realizes prejudice against homosexuals even if it is not in an explicit way. And that still is necessary that the students fight for the conquest of space inside and outside the university without fear declaring homosexuals, facing the fear of being attacked and died by homophobic people, so that these fights inside result in conquests of space and civil laws of the society, as the conquests that already is happening in this last decade.

Key-words: Sexuality. Homosexuality. University. Learners.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CFP – Centro de Formação de Professores

CID – Código Internacional de Doenças

LGBTTT – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travesti, Transexuais e Transgêneros

NEC – Núcleo de Extensão Cultural

OMS – Organização Mundial de Saúde

STF – Supremo Tribunal Federal

TALP – Teste de Associação Livre de Palavras

UFCG – Universidade Federal de Campina Grande

LISTA DE QUADROS

QUADRO I – Perfil dos sujeitos da pesquisa.

QUADRO II – Universidade como espaço de convivência.

QUADRO III - Universidade como espaço de resistência e crescimento.

QUADRO IV – Preconceitos vivenciados pelos sujeitos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I	
UM BREVE RELATO SOBRE A HISTÓRIA DA SEXUALIDADE	15
1.1 HOMOSSEXUALIDADE	20
1.2. PRECONCEITO: O DESAFIO TAMBÉM ENFRENTADO POR SUJEITOS HOMOSSEXUAIS	24
1.3. HOMOFOBIA: VIOLÊNCIA CONTRA HOMOSSEXUAIS.	25
1.4. DIREITOS E CONQUISTAS DOS HOMOSSEXUAIS.....	28
CAPÍTULO II	
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	31
CAPÍTULO III	
RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS	60
APÊNDICES	
Apêndice A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	

INTRODUÇÃO

Ao passar um tempo observando a movimentação dos estudantes homossexuais, tomei conhecimento que existia dentro do campus de Cajazeiras um grupo de estudantes ativistas que organizavam reuniões com pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros. Ou seja, reuniões com pessoas que fazem parte do grupo LGBTTT. Em alguns momentos esse grupo atuava fazendo exposições com cartazes ou entrega de panfletos, que tinham como objetivo tentar fazer os outros jovens refletirem acerca da homossexualidade.

A partir desse momento ficou bem perceptível que eles não eram tão bem aceitos por uma parte dos discentes heterossexuais. Um dos exemplos de manifestações preconceituosas por parte desses discentes se deu por meio de pichação dos cartazes que o grupo de LGBTTT tinha exposto nas paredes do campus, utilizando frases um tanto preconceituosas como: “Se convertam”, “Aceitem a Jesus”, “Vocês vão para o inferno” e “Isso é safadeza”.

Diante desse episódio, confirmou-se o desejo de pesquisar essa temática, mesmo sabendo das possíveis dificuldades que seria abordar esse tema, porque falar da condição sexual das pessoas ainda é algo considerado um tabu e muitas vezes abordagens acerca dessa temática são recusadas. Algumas pessoas só conseguem compreender a sexualidade como algo pessoal e indiscutível. Mas nesse sentido, Louro (2013) vem dizer que a sexualidade é algo que todos nós possuímos de uma forma “natural”, tanto homens como mulheres. E quando as pessoas aceitam essa ideia como única verdade, perde todo o sentido argumentar sobre a extensão que é a sexualidade, que também é social e política.

O trabalho intitulado como “Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é’: análise sobre ser homossexual na universidade” busca discorrer sobre como é a vivência dos discentes homossexuais dentro do CFP. A questão central que se busca responder nessa pesquisa é: Quais as vivências experimentadas por discentes homossexuais no âmbito do CFP da Universidade Federal de Campina Grande? Esta pesquisa foi realizada com a colaboração de seis discentes homossexuais do CFP, tendo como objetivo geral analisar como os discentes vivenciam ser homossexual dentro da universidade. Os objetivos específicos foram: identificar as vivências de indivíduos homossexuais nas relações parentais; verificar como acontece a aceitação dos estudantes homossexuais por parte da classe estudantil.

Foi desenvolvida uma pesquisa descritiva, qualitativa e de campo e o instrumento de coleta usado para essa pesquisa foi o Teste de Associação Livre de Palavras (TALP), sendo utilizadas doze palavras estímulos para a obtenção dos dados. A coleta de dados foi realizada com seis discentes homossexuais do CFP, da Universidade Federal de Campina Grande, na cidade de Cajazeiras, localizada no Alto Sertão da Paraíba.

Esta pesquisa teve como intuito buscar conhecer a realidade dos discentes homossexuais dentro da já referida universidade, buscando conhecer melhor a maneira deles se expressarem dentro da instituição. A escolha por essa temática surgiu porque grupos minoritários e suas lutas sempre me sensibilizaram, além de despertar a curiosidade de conhecer os meios pelos quais alcançam conquistas dentro de uma sociedade ainda tão fechada para acolher esses grupos.

O presente trabalho está estruturado em três capítulos: o primeiro capítulo apresenta o referencial teórico, trazendo um breve relato acerca da história da sexualidade e as mudanças que vão surgindo ao longo dos anos. Em seguida abordou-se algumas considerações acerca da homossexualidade e os desafios de ser homossexual. Também aborda sobre os preconceitos presentes na sociedade e, de um modo mais particular, sobre a homofobia, que é o preconceito contra os sujeitos homossexuais. No segundo capítulo encontra-se o procedimento metodológico da pesquisa, desenvolvendo-a gradativamente, apresentando o local que a mesma foi feita, quem foram os sujeitos e qual instrumento foi utilizado para a coleta de dados. E no terceiro capítulo aponta-se os resultados das análises dos dados da pesquisa.

CAPÍTULO I - UM BREVE RELATO SOBRE A HISTÓRIA DA SEXUALIDADE

A sexualidade sempre esteve presente na vida das pessoas e isso é inquestionável. Contudo, sabemos que nem sempre existiu liberdade para falar desse assunto, mesmo sendo este um tema que desperta curiosidade. Assim, percebe-se que por meio desta curiosidade de compreender melhor a sexualidade e, ao mesmo tempo, o interesse em estudar um tema que ainda é considerado um tabu, surgiu o interesse também por entender a sexualidade nas inúmeras pesquisas e estudos sobre o tema há muito tempo. Como Heilborn (1999, p.07) diz, “a sexualidade não é um objeto de estudo novo ou estranho à tradição disciplinar antropológica. Ao contrário, existem etnografias clássicas que descrevem práticas sexuais de sociedade ditas primitivas, desde o início deste século”.

Os discursos sobre sexualidade foram sendo transformados ao longo dos séculos, onde progressos e retrocessos aconteceram durante toda a trajetória da sociedade. Para compreender essas transformações da sexualidade é preciso regressar a história a partir do século XVII, o qual se pode perceber a liberdade para se falar de sexualidade abertamente, sem advertências. É o que relata Foucault (2013, p. 9) ao afirmar: “As práticas não procuravam o segredo, as palavras eram ditas sem reticência excessiva e, as coisas, sem demasiado disfarce; tinha-se com o ilícito uma tolerante familiaridade [...]”.

A sexualidade era abordada de uma maneira simples, o que não causava impacto constrangedor na sociedade daquela época, podia-se falar abertamente sem incômodo ou receios de algum escândalo e em qualquer meio social. No entanto, foram surgindo mudanças a partir dos séculos, quando à sexualidade deixa de ser um tema livre para discussões e começa a ser repreendida, não sendo mais abordada de uma maneira simples e descomplicada. Isso se evidencia na seguinte afirmação de Foucault (2013, p.9)

A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, a seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala. O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito social [...].

Essa sexualidade que antes podia ser debatida em qualquer lugar e por qualquer pessoa, começa a ser delimitada a pequenos espaços e grupos. A partir

desse contexto, pode-se perceber que se inicia uma etapa de repressão da sexualidade, na qual é restringido o sexo apenas como meio de reprodução e o casal um tipo de referência para repressão, tornando-se um ponto de referência essencial para ditar as leis e regras da época.

Nesse sentido, qualquer tipo de sexo que não fosse para a reprodução não era considerado normal. É o que Foucault (2013) ressalta ao dizer que: “ao que sobra só resta encobrir-se; o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos. E se o estéril insiste, e se mostra demasiadamente, vira anormal: receberá este *status* e deverá pagar as sanções”.

Ao longo do tempo pode-se perceber que muitos foram os fatores que contribuíram para as mudanças acerca da sexualidade. Assim como o capitalismo teve influência sobre a sexualidade, a igreja também teve suas influências apesar das mudanças que aconteceram depois do Concílio de Trento¹, com a evolução da pastoral católica e do sacramento cristão, que antigamente buscava por meio da confissão saber tudo sobre a sexualidade dos casais. Sobre isso Foucault (2013, p. 24) destaca:

Cobre-se, progressivamente, a nudez das questões que os manuais de confissão da Idade Média formulavam e grande número daquelas que eram correntes no século XVII. Evita-se entrar nessa enumeração que, durante muito tempo, alguns, como Sanchez ou Tamburini, acreditavam ser indispensável para que a confissão fosse completa: posição respectiva dos parceiros, atitudes tomadas, gestos, toques, momento exato do prazer – todo um exame minucioso do ato sexual em sua própria execução. A discrição é recomendada cada vez com mais insistência.

As práticas sexuais eram conduzidas até o final do século XVIII por três códigos explícitos, que são eles: o direito canônico, a pastoral cristã e a lei civil. Esses códigos dividiam a sexualidade em duas linhas: o lícito e o ilícito. Todo o foco era voltado para as relações conjugais, como: “o dever conjugal, a capacidade de desempenhá-lo, a forma pela qual eram cumpridas, as exigências e as violências que o acompanhavam, as carícias inúteis ou indevidas às quais servia de pretexto, sua fecundidade [...]” (FOUCAULT, 2013).

¹Concílio de Trento é o nome de uma reunião de cunho religioso (tecnicamente denominado concílio ecumênico) convocada pelo papa Paulo III em 1546 na cidade de Trento, na área do Tirol italiano. Com o surgimento e consequente expansão do protestantismo profundas modificações atingiram a Igreja Católica.

Nesse contexto, é visível a responsabilidade que era imposta aos casais, não dando liberdade deles viverem sua sexualidade como bem quisessem, mas ao contrário, os casais viviam sobre normas. É o que destaca Foucault (2013, p. 44):

O sexo dos cônjuges era sobrecarregado de regras e recomendações. A relação matrimonial era o foco mais intenso das contradições; era, sobretudo, dela que se falava; mais do que qualquer outra tinha que ser confessada em detalhes. Estava sob estreita vigilância: se estivesse em falta, isto tinha que ser mostrado e demonstrado diante testemunha. O “resto” permanecia muito mais confuso: atentemos para a incerteza dos status da “sodomia” ou a indiferença diante da sexualidade das crianças.

Com isso, percebe-se que tudo que fosse relacionado ao sexo, todo e qualquer tipo de acontecimento apresentado com relação à sexualidade, era ditado por esses três códigos já mencionados. Eram eles que regulavam as práticas sociais, definindo o que era correto e incorreto no comportamento dos casais.

Com o passar do tempo, o comportamento sexual, que até o século XIX era de total preocupação da religião, como também da filosofia moral, dá início a novas preocupações surgidas em outras áreas. A sexualidade abre uma preocupação generalizada de especialistas, de campos como o da medicina e de profissionais e reformadores morais. Com isso, ao final do século XIX, esse tema ganhou uma disciplina própria, tendo como nome sexologia, que envolvia a psicologia, a biologia, a antropologia e também a história e a sociologia. Com essa nova visão houve uma abertura maior para debates acerca desse tema. É o que diz Weeks (2013, p. 39).

[...] Isso teve enorme influência no estabelecimento dos termos do debate sobre o comportamento sexual. A sexualidade é, entretanto, além de uma preocupação individual, uma questão claramente crítica e política, merecendo, portanto, uma investigação e uma análise histórica e sociológica cuidadosas.

Compreende-se que todas essas transformações ao longo dos séculos comprometem a maneira de viver e de construir identidades de gênero sexual, porque, de certa forma, as mudanças estabelecem diferentes modos de existência para todos. Essas mudanças tanto permitem respostas para determinados questionamentos, como também sugerem novas indagações, questionando e reafirmando que sexualidade não é individual. Sobre isso, Louro (2013, p. 11) diz que “[...] remete-se à compreensão de que a sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mas é social e política, [...] ao fato de que a sexualidade é

“aprendida”, ou melhor, é construída, ao longo de toda a vida, de muitos modos, por todos os sujeitos”.

Entende-se por isso que a sexualidade é construída juntamente com o desenvolvimento da sociedade, do ambiente em que vive e com determinado tipo de pessoas que convive. Sobre isto, Foucault (1988, *apud* Louro, 2013) explica de uma forma mais esclarecedora, quando diz que “[...] ela é uma invenção social, uma vez que se constitui, historicamente, a partir de múltiplos discursos sobre o sexo: discursos que regulam que normatizam que instauram saberes que produzem ‘verdades’, sua definição e a abrangência de nosso olhar”.

Considerando que “a sexualidade é um dispositivo histórico”, implica-se dizer que esta vai se transformando a partir da história, do conhecimento que a sociedade tem acerca desta. A sexualidade vai se modificando a cada nova descoberta, modelando-se ao pensamento do momento. Corroborando com essa ideia, Weeks (2013, p.50) ressalta que:

[...] A experiência ocidental da sexualidade, ele sugere, não é o da repressão do discurso. Ela não pode ser caracterizada como um “regime de silêncio”, mas ao contrário, como um constante e historicamente cambiante incitamento ao discurso sobre o sexo. Essa explosão discursiva sempre em expansão é parte de um complexo aumento do controle sobre os indivíduos, controle não através da negação ou da proibição, mas através da produção; pela imposição de uma grade de definição sobre as possibilidades do corpo, através do aparato da sexualidade.

Ao ressaltar esse breve relato acerca da história da sexualidade, ficam visíveis as mudanças que foram acontecendo e as diferentes maneiras de enxergá-las. Assim, percebe-se que uma vez que o meio social se modifica, logo mudará também o entendimento sobre a sexualidade, havendo transformações na compreensão desse assunto. Dessa maneira, pode-se afirmar que as concepções acerca da sexualidade se modificam junto com a sociedade e muitas são as áreas que contribuem para essa mudança. Isso se evidencia na seguinte afirmação de Furlani (2009, p. 14).

A sexualidade pode ser vista como constituída e constituinte de relações sociais; discuti-la, compreendê-la, recriá-la e re-significá-la, obriga-nos a transitar, não só na biologia, mas também na contribuição de estudos nas áreas da história, da pedagogia, da psicologia, da antropologia, da sociologia, da moral, da evolução social, da política econômica, da literatura, da publicidade, da mídia.

A autora acrescenta ainda que as relações sexuais são relações sociais, construídas historicamente em determinadas estruturas, modelos e valores que dizem respeito a determinados interesses de épocas diferentes. A compreensão que se tem da sexualidade vai se transformando, se reconstruindo na mesma proporção que a sociedade vai evoluindo e no contexto social que está inserida. Por esse motivo, cada sociedade tem seus costumes e crenças com relação à sexualidade.

Desta forma, compreende-se que a sexualidade não pode ser silenciada, é relevante que esta possa ser discutida abertamente entre as pessoas, buscando entender que a sexualidade é algo que faz parte da vida de todos os indivíduos e que o desconforto que se tem quando se fala nela, só acabará quando começarem a perceber que debater sobre sexualidade não tem nada de errado, feio ou vulgar.

Existe ainda uma resistência em dialogar sobre esse assunto. E a falta de diálogos acerca disso acabou criando tabus que até hoje não foram desconstruídos. E talvez pelo fato de não se falar da sexualidade tenham surgido interpretações equivocadas. E por falta de conhecimento do assunto, aos poucos, a sexualidade foi ficando repleta de mitologias. É o que afirma Furlani (2009, p. 19).

A maioria dos atuais mitos sexuais, existentes nas representações humanas de nossa cultura, apresenta uma origem calcada em conhecimentos biológicos equivocados e em análises político-sociais descontextualizando ingênuas. Muitas vezes, a falta total ou parcial, de conhecimentos mínimos acerca da biologia pode favorecer o apego a explicações diversas que levam a legitimar mitos e tabus.

A falta de informação e de estudos mais aprofundados contribuiu para a construção de mitos, talvez seja isso que tenha acontecido também com a homossexualidade, tornando-a assim, até os dias atuais, um assunto delicado e cheio de mitos. Nesse contexto, Louro (2013, p. 32) afirma “assim, a homossexualidade, ao invés de ser descrita enquanto uma variante da sexualidade, como, originalmente pretendia Kertbeny, tornou-se, nas mãos de sexólogos pioneiros tais como Krafft-Ebing, uma descrição médico-moral”. A homossexualidade não foi vista como mais uma das diferentes sexualidades existentes, mas a princípio foi vista como um distúrbio psicológico e como algo que ia contra a moral da época, o que não é tão diferente dos discursos que estamos acostumados a ouvir nos dias atuais.

1.1 HOMOSSEXUALIDADE

Falar sobre relacionamentos entre pessoas de sexos opostos é bem comum. As pessoas trocam ideias, experiências, sugestões de como se deve ou não se relacionar. É um assunto tão natural que pode ser conversado em qualquer lugar, só precisa existir um grupo de pessoas que estejam dispostas a discutir e assim será um assunto interessante e bem discutido. Algumas pessoas estão sempre preparadas para opinar acerca dos relacionamentos de outros. É algo natural que aconteça essa troca de experiência entre os relacionamentos heterossexuais.

No entanto, as coisas mudam de figura quando o assunto passa a ser o relacionamento sexual entre as pessoas do mesmo sexo. Algumas pessoas ainda se negam a falar sobre este assunto, por questões diferenciadas; como o fanatismo religioso, que continua tratando a homossexualidade como algo pecaminoso. Outros continuam insistindo que é uma doença, um desvio de conduta e moral. Com isso, o relacionamento heterossexual é padronizado como o correto e o que as pessoas devem seguir.

Isso acontece porque a homossexualidade nunca foi bem compreendida. É o que diz Eddine (2014, p.39): “a homossexualidade nunca foi um tema de fácil compreensão, principalmente porque ela em diversos momentos foi enxergada ora a partir de visões religiosas e inatistas, ora com tom naturalista e durante séculos a partir de uma visão patológica”.

Para se compreender melhor a homossexualidade, se faz necessário voltar ao tempo e conhecer um pouco a história do seu surgimento, pois já se sabe que esta existe desde muitos anos. Segundo Guimarães (2010, p. 555).

O primeiro registro que possuímos acerca da homossexualidade data de 4500 anos antes de Cristo, ocorrendo entre Oros e Seti, na sociedade egípcia. Ela sempre existiu, em todos os povos e nos mais diferentes status sociais. Podemos ainda citar, o Batalhão dos Amantes, um exército composto apenas por homossexuais na Grécia, nação onde também existiu Alexandre Magno e os grandes filósofos, como Platão e Sócrates, todos homossexuais.

Pode-se perceber que a homossexualidade masculina era comum nessa época e que não eram casos isolados. O mesmo também acontecia com a homossexualidade feminina, que embora não se tenha dado a mesma relevância, existem fatos registrados na história que “podemos resgatar dessa mesma época a

primeira e mais famosa lésbica da história, a Safos de Lesbos, daí o nome lesbianismo para se referir à homossexualidade de seres humanos do sexo feminino”. (Guimarães, 2010). A partir dessas informações, evidencia-se que a homossexualidade já existe desde o início da sociedade e que nessa época era vista como algo aceitável.

De acordo com Vieira (2009), até o ano de 1892 não existia ainda a terminologia homossexualidade, mas já existiam homens e mulheres que mantinham relações com pessoas do mesmo sexo e que tornavam-se alvo de reprovação ou punição por transgressão sexual. Todavia, esses atos não os apontavam como pessoas inerentemente diferentes das outras, nesse sentido, a relação sexual não estabelecia um fator determinante da identidade. Compreende-se este aspecto melhor com a afirmação de Weeks (2013), ao dizer que antes do século XIX a homossexualidade existia, mas o/a homossexual não.

As práticas homossexuais já existiam há muito tempo, tanto as masculinas, como as femininas. O que incidia era que ainda não existia uma definição para a pessoa homossexual, não havia uma classificação. Com isso compreende-se que as práticas homossexuais já existiam, mas o termo homossexual não. Porém, embora essa palavra não seja uma novidade desse século, não foi algo inventado há pouco tempo. Esta terminologia foi criada “em 1869, o médico húngaro Karl-Maria Kertbeny inventa a palavra homossexualismo, no contexto do discurso da medicina ocidental, para caracterizar uma forma de comportamento ‘desviante’ e ‘perversa’, entre pessoas do mesmo sexo.” (FURLANI, 2009).

Segundo Vieira (2009), no final do século XIX, por meio do médico-científico Karl-Maria Kertbenv, estando ele preocupado com o estudo e a classificação das patologias, surge uma nova denominação: o “homossexual”. As primeiras investigações desse médico buscavam identificar as manifestações e causas da homossexualidade com interesse na normalização da vida sexual.

Segundo os estudos de Weeks (2013) vem esclarecer, a definição da “heterossexualidade” e a “homossexualidade” marca um estágio crucial na delimitação e definição moderna da sexualidade. Ainda segundo o autor, a definição mais aguda da heterossexualidade como sendo norma, foi forçada precisamente pela tentativa de definir a homossexualidade como uma sexualidade anormal, fora dos padrões de aceitação. Esses dois termos foram inventados pela mesma pessoa, o médico Karl-Maria Kertbenv. Estes nomes foram pensados numa

tentativa anterior de colocar na pauta da política alemã a questão da reforma sexual, de uma forma particular, abolição das leis antissodomistas. Com esses conceitos procurava definir a homossexualidade como uma forma característica de sexualidade de uma variante benigna e não maligna.

Porquanto, a relação sexual entre pessoas do mesmo sexo era vista como uma atividade sexual sodomita e pecadora, e não como uma relação particular de uma determinada pessoa. O médico austro-húngaro, Karl-Maria Kertbenv, buscava mostrar que a homossexualidade era mais um tipo característico de pessoa e não um sodomita. De acordo com Foucault (1993, apud Weeks, 2013, p.61), ele percebe que o sodomita era visto como uma aberração temporária, enquanto que o homossexual pertencia a uma espécie própria. Foucault queria dizer que a homossexualidade era uma marca de um tipo característico de pessoa. Era mais um tipo de sexualidade e não apenas uma prática sexual pervertida.

Na concepção de Furlani (2010, p. 153), o termo homossexualismo é definindo da seguinte maneira:

HOMOSSEXUALISMO (o termo original) é uma palavra híbrida, formada pela fusão de três radicais de origem linguística distinta: 1. do grego, *homo* = “igual, semelhante, o mesmo que”; 2. do latim, *sexus* = sexo; 3. do latim, *ismo* = “próprio de”, “que tem a natureza”, condição de” o sufixo *ismo* ao ser incorporado reforçou na representação da palavra os pressuposto da época (religiosidade-moralista, médico-patológico, jurídico-criminal) para os relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo, ou seja algo de natureza anormal, essencialmente patológico, doente, desviante, perverso, pecaminoso.

Entendemos por meio dessa definição que a homossexualidade era vista como algo muito negativo, fora da normalidade. E o pior, ela também era vista como doença. Nesse sentido, Vieira (2009, p. 496), segundo os seus estudos nas obras freudianas, vem dizer que com a invenção de novos significados para designar aqueles que se atraem por parceiros do mesmo sexo (o sodomita, uranista, o invertido), opera-se uma mudança na concepção que se tem da homossexualidade.

Vieira (2009) continua dizendo que a partir desse momento surge uma luta pela apropriação da categoria homossexual. Apropriação jurídica, médica, social e psicanalítica. E que Freud estava além do seu tempo, quando este já afirmava que a homossexualidade era aspecto “natural” e não patológico. Com esse pensamento ele se posicionava contra os juízes, sexólogos, médicos e a moral do fim do século XIX. Com essa ideologia, Freud lutava contra as rígidas e cruéis leis daquela

época, que descriminavam e perseguiram as pessoas homossexuais, pois até o século XIX, não existia uma identidade homossexual. É o que afirma Weeks (2013, p. 64).

[...] embora a homossexualidade tenha existido em todos os tipos de sociedade, em todos os tempos, e tenha sido, sob diversas formas, aceita ou rejeitada, como parte dos costumes e dos hábitos sociais dessas sociedades, somente a partir do século XIX e nas sociedades industrializadas ocidentais, é que se desenvolveu uma categoria homossexual distintiva e uma identidade a ela associada. [...]

Todo esse contexto histórico nos mostra que sempre houve uma luta em diferentes séculos para que a homossexualidade fosse reconhecida. No entanto, como já foi dito inúmeras vezes, a homossexualidade era vista de forma muito negativa e os médicos de diferentes épocas sempre buscavam encontrar uma forma de modificar o desejo homossexual. Sobre isso, Nunan (2003, apud EDDINE, 2014) nos mostra que antigamente os médicos identificavam os homossexuais por duas vias, sendo uma física, onde para eles as práticas homossexuais deformavam o pênis e o ânus; e a outra via era a moral, considerando a prática como um vício que contaminava os elementos sadios da população.

Com isso surgem as tentativas de cura da homossexualidade. A princípio, propõe-se a abstinência forçada, pois acreditava na hipótese de que o homossexual buscava apenas prazer sexual. Posteriormente, ainda na tentativa de cura homossexual, foi utilizada a hipnose como uma possibilidade de fazer os homens homossexuais desejarem as mulheres.

Ainda nesse contexto, Nunan (2003, apud EDDINE, 2014, p.43) diz que “paralelamente a essas tentativas de cura, a noção de homossexualidade foi sendo integrada à psicologia e à psiquiatria, e o homossexual passou a ser explicado como um produto das histórias individuais”. Portanto, com o passar do tempo foi se construindo outras maneiras de divisar esses desejos. É o que diz Furlani (2010), que com as ciências do século XX, esse tipo de atração erótica foi tendo um re-significado e recebeu o nome de homossexualidade (do latim, sufixo *dade* = “qualidade de ser”). Esse termo tornou-se preferência de muitas pessoas para se referir aos relacionamentos de pessoas do mesmo sexo, rescindindo aquela ideia de doença e passando a compreender que é uma possibilidade legítima de homens e mulheres viverem seus afetos e prazeres com pessoas do mesmo sexo.

1.2. PRECONCEITO: O DESAFIO TAMBÉM ENFRENTADO POR SUJEITOS HOMOSSEXUAIS

A homossexualidade já conquistou um espaço significativo na sociedade contemporânea, mas mesmo assim ainda não foi o suficiente para que o preconceito seja efetivamente eliminado. Hoje em dia a mídia tem divulgado e debatido esse assunto com mais frequência, contribuindo para que as pessoas tenham um conhecimento mais aprofundado do tema e que assim contribua para amenizar as ações preconceituosas. Não é fácil derrubar essa muralha do preconceito quando se vem perdurado por longos anos.

Antes de continuar esse assunto é imprescindível que compreenda-se o que é de fato preconceito. Segundo o dicionário Aurélio, a terminologia preconceito significa: 1. Ideia preconcebida. 2. Suspeita, intolerância, aversão a outras raças, credos, religiões, etc. Nesse sentido, compreende-se que o preconceito é uma ideia antecipada de um determinado sujeito, o qual será julgado por uma particularidade dele e não pelo todo. No caso do sujeito homossexual, ele será julgado pela sua sexualidade e não pelos seus valores éticos e morais.

Para Bandeira e Batista (2002, p. 126):

[...] o preconceito pode ser uma 'máquina de guerra' presente nas relações sociais cotidianas. O preconceito, usualmente incorporado e acreditado, é a mola central e o reprodutor mais eficaz da discriminação e de exclusão, portanto da violência".

Ainda sobre isso, Camino, Lacerda e Pereira (2002, p. 166) afirmam que:

O preconceito pode ser definido como uma forma de relação intergrupar onde, no quadro específico das relações de poder entre grupos, desenvolvem-se e expressam-se atitudes negativas e depreciativas além do comportamento hostis e discriminatórios em relação aos membros de um grupo por pertencerem a esse grupo.

O preconceito ainda está muito presente na nossa sociedade, a qual uma parte dela estabelece um modelo padronizado a ser seguido e os que não fazem parte desse modelo ficam marginalizados e tornam-se vítimas dessa discriminação. É nesse contexto que Bandeira e Batista (2002, p.138) afirmam que:

O preconceito é a valorização negativa que se atribui às características da alteridade. Implica a negação do outro diferente, e no mesmo movimento, a afirmação da própria identidade como superior/dominante. Mas isso indica

que o preconceito é possível onde existe uma relação social hierárquica, onde existem comando e subordinação e racionalização do outro. Quem manda atribui valores à sociedade, define o que é bom e o que é ruim. [...].

Como se pode perceber, o preconceito pode acarretar danos cruéis às pessoas que são vítimas desse tipo de discriminação, pois elas se sentem inferiorizadas, ridicularizadas e humilhadas pelo o simples fato de serem o que são. E o pior é que em muitas situações, elas não conseguem enfrentar e se defenderem desses ataques verbais e em outras situações, que não são casos isolados, também sofrem agressões físicas e até mesmo mortes.

1.3. HOMOFOBIA: VIOLÊNCIA CONTRA HOMOSSEXUAIS.

Quando se fala em preconceito referente aos homossexuais, surge uma nova terminologia. E esse tipo de discriminação cometido com os homossexuais é chamado de homofobia, preconceito sexual. Desta forma, para Mott (1997, apud LOIOLA, 2006. p.41), a definição de homofobia é uma ideologia anti-homossexual – aversão à homossexualidade, o ódio dirigido aos homossexuais.

Nesse sentido, uma pessoa homofóbica não consegue se relacionar de forma afetuosa com quem se relaciona sexualmente com outras pessoas do mesmo sexo. As pessoas homoafetivas são julgadas e discriminadas por sua orientação sexual independente do seu caráter e de suas ações como sujeitos sociais. E vale salientar que o Brasil, embora seja visto como um país laico e livre, é considerado como o mais homofóbico do mundo. Sobre isso Furlani (2009, p. 162) afirma:

Especialmente no Brasil (considerado o país mais homofóbico do mundo) a situação da população de gays, lésbicas, travestis e transexuais está associada a um permanente processo de discriminação, compreende, desde situações de intolerância e exclusão – nos mais diversos convívios íntimos (na família, no círculo de amigos) e em instituições sociais (no trabalho, na escola, nas religiões, na legislação) – como violação do direito humano da integridade física pessoal até o extermínio cruel e covarde.

A sociedade julga os homossexuais de forma reducionista. E por esse motivo, o sujeito homossexual está sempre buscando ser melhor em suas atividades para tentar amenizar o preconceito sofrido, ou se escondem tentando viver de uma maneira que não é a sua, somente para não contrariar o padrão estabelecido por

uma sociedade. Nesse contexto, a autora nos leva a refletir acerca desses conflitos vivenciados por indivíduos homossexuais. Sobre isso, FURLANI (2009, p.159) diz

[...] é possível imaginar a “carga” de preconceito que reveste a vida (profissional e familiar) de indivíduos que vivem a homossexualidade? Para muitos (as), é como estar constantemente sob o olhar da censura e da vigia social; se sentem como se estivessem “fazendo algo errado”. Com isso, acabam tendo que dissimular seus atos, camuflar suas intenções e esconder da família, seu (sua) companheiro (a) – a pessoa com quem se relacionam ou, até mesmo, vivem. Essas são algumas das possíveis situações constrangedoras vividas por homens e mulheres que amam pessoas do mesmo sexo. Penso que elas permitem ao mais desatento (a) cidadã (ão) concluir o quanto, nesse contexto social e culturalmente intolerante, pode se tornar muito difícil ser feliz.

Como já foi mencionado anteriormente, sabemos que a igreja foi a principal responsável para que se construísse uma visão negativa referente à homossexualidade e ainda hoje continua sendo uma das maiores incentivadoras para toda essa rejeição. Os religiosos se apropriam de versículos bíblicos que condenam a homossexualidade, como o que está escrito no livro do antigo testamento, em Levítico (BÍBLIA, capítulo 20, versículo 13), que diz: “Se um homem dormir com outro, como se fosse com mulher, ambos cometem uma abominação e serão punidos com a morte: são réus de morte”.

Existe também outro versículo bíblico muito citado quando os religiosos atacam os homossexuais, este se encontra no livro dos Romanos, (BÍBLIA, capítulo 1, versículo de 26 a 28).

Por isso Deus os entregou as paixões vergonhosas: suas mulheres mudaram o uso natural em uso contra a natureza. Os homens também, abandonando o uso natural da mulher, arderam em desejos uns pelos outros, homens com homens, cometendo torpezas e recebendo em si mesmos a paga por suas perversões.

É por meio dessas citações da bíblia que os cristãos chamados de fanáticos religiosos utilizam como um mecanismo de autodefesa contra homossexuais e a utiliza como ferramenta de condenação. Podemos perceber que todo esse discurso de ódio já acontece desde muitos anos atrás. Sobre isso, Loiola (2006, p. 62) descreve:

[...] Desde os anos 314, ainda no Concílio de Ancira, a homossexualidade é vista como fruto das influências do demônio, uma aberração da natureza provocadora de retaliação – as fomes coletivas, os terremotos e a peste são consequências destes crimes. Acirram a aversão às minorias nos códigos impostos pela a igreja – abrangente da ética sexual. A condenação à morte, a inquisição, o rebaixamento de cargos dos clérigos e a perda de direitos civis foram penas executadas para os homossexuais.

A homossexualidade continua sendo discriminada no meio religioso. As Igrejas Católicas, por exemplo, mesmo tentando mostrar uma tolerância maior hoje em dia, buscando acolher as pessoas homossexuais para igreja em seus discursos, pode-se perceber que isso não acontece exatamente assim. É o que diz Borrilo (2010, p. 57).

Embora tenha demonstrado certa coragem ao pedir, publicamente, perdão por algumas de suas vítimas no decorrer da história – tais como Galileu, a comunidade judia ou os descendentes de escravos -, a Igreja não se arrependeu das atrocidades cometidas contra os homossexuais; muito pelo contrário, ela persistir em justificar as discriminações de que eles ainda são vítimas. [...].

A Igreja não demonstra arrependimento porque ela continua tendo a mesma visão de antes, que a homossexualidade é algo abominável e inaceitável, que vai contra os princípios bíblicos, mas agora procura dizer isso de uma forma mais sutil. Nesse sentido, Borrilo (2010) ressalta que “Apesar da mudança de tom, subsiste a homofobia católica. E, em vez de lançar os sodomitas na fogueira, trata-se, agora de acolhê-los com compaixão a fim de que, na melhor das hipóteses, eles fiquem curados e, na pior possam viver na abstinência”.

Essa concepção religiosa ainda influencia na sociedade contemporânea. Apesar de algumas conquistas nesses últimos anos pela comunidade LGBTTT, pouco modificou o conceito que as pessoas têm a respeito dos sujeitos homossexuais, o que mostra que estas não estão livres do preconceito, nem tão pouco da violência. A intolerância ainda é muito presente no dia a dia das pessoas homossexuais. Sobre isso, Loiola (2006, p. 63) diz

Na modernidade, a homofobia se apresenta de formas multifacetadas, que vão desde a execução (assassinato) até a utilização de “simples” símbolos que ratificam a discriminação e o preconceito. A coisificação das relações sociais é característica peculiar de nossa sociedade, eivada de mitos, tabus e omissões – a negação da sexualidade humana e a estigmatização das minorias. O padrão moral desta sociedade–burguês religioso – tem servido para elevar a discriminação entre as pessoas, grupos, etc.

Casos de violências, torturas e assassinatos contra a comunidade LGBTTT é algo que está constantemente nas mídias. Quase que diariamente podemos ler ou assistir em telejornais notícias sobre esses acontecimentos, revelando o quanto está presente o ódio que algumas pessoas sentem contra os homossexuais. Nesse cenário, Dias (2014) ressalta que “O ódio contra homossexuais é incentivado. Atos

de intolerância são absolvidos e a homofobia não é criminalizada”. E dessa forma, a impunidade e a insegurança continuam assombrando a comunidade LGBTTTT.

Por meio do que foi apresentado até aqui, podemos perceber que mesmo depois de longos anos, a falta de compreensão, de diálogo, ou talvez, de boa vontade, continua contribuindo para a intolerância e impedindo que os grupos minoritários, no caso aqui, os homossexuais, conquistem seus direitos sociais e civis. No entanto, nessas últimas décadas, o grupo LGBTTTT vem ganhando visibilidade e com isso tem conquistado alguns direitos civis, mesmo tendo sempre que enfrentar uma feroz bancada evangélica no Congresso que tenta, a todo custo, impedir que leis que favoreçam os homossexuais sejam aprovadas.

1.4. DIREITOS E CONQUISTAS DOS HOMOSSEXUAIS

Durante todo esse trabalho tem se falado que a homossexualidade não é nenhuma invenção desse século e que a luta dos homossexuais por um espaço na sociedade já vem de muito tempo. A busca por respeito e aceitação da sociedade nunca foi e nem é uma luta fácil. Nessa perspectiva, Louro (2013, p.32) vem dizer que “gays e lésbicas eram representados como ‘um grupo minoritário, igual, mas diferente’; um grupo que buscava alcançar igualdade de direitos no interior da ordem social existente. Afirmava-se, discursiva e praticamente, uma identidade homossexual”.

Segundo Louro (2013), até o início de 1970, o movimento organizado pelos grupos homossexuais ainda era tímido, suas associações e reuniões eram quase sempre clandestinas. Aos poucos, e especialmente em países como os Estados Unidos e a Inglaterra, um aparato cultural começa a surgir por meio de revistas, artigos isolados em jornais, panfletos, teatro, arte. Já no Brasil, por essa mesma época, a homossexualidade também começa a ganhar espaço nas artes, na publicidade e no teatro. Então, a partir de 1975, emerge o Movimento de Libertação Homossexual do Brasil.

Em 1973, a homossexualidade já não era classificada como doença pela Associação Americana de Psiquiatria e logo em seguida foi retirada do Código Internacional de Doenças (CID). No dia 7 de maio de 1990, a Assembleia-Geral da Organização Mundial de Saúde, nesse dia, retira da sua lista de doenças mentais a homossexualidade, afirmando que não constitui doença, nem distúrbio e nem

perversão, e que os psicólogos não colaborariam com eventos e serviços que tivesse como intuito o tratamento e cura da homossexualidade. (GUIMARÃES, 2009, p.559).

Alguns direitos foram conquistados pela comunidade LGBTTTT. Eddine (2014) relata algumas conquistas desses últimos anos. Um deles aconteceu em 1995, quando a comunidade LGBTTTT avança mais um pouco com a apresentação do Projeto de Lei nº 115/95, da Deputada Marta Suplicy, que busca por meio desse projeto regulamentar a união civil entre pessoas do mesmo sexo. Desse modo, consegue grande visibilidade da mídia brasileira, que começa a debater sobre essa união de casais homossexuais, chamando também a atenção da grande mídia para a divulgação das decisões do Poder Judiciário que fossem relacionadas aos direitos patrimoniais e previdenciários destes novos casais. As decisões de outros países sobre esse mesmo tema passaram a ser divulgadas pelos meios de comunicação também.

Nos últimos anos, mais duas importantes decisões no Brasil foram tomadas em favor dos casais homossexuais. “Em maio de 2011, o Supremo Tribunal Federal (STF) reconhece a união homoafetiva e, em maio de 2013, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) aprova e obriga os cartórios de todo o país a realizar o casamento homossexual”. (EDDINE, 2014, p.45). Além do direito ao casamento, também foi conquistado o direito de adotar crianças e assim constituir uma família. Sobre isso, Cerqueira-Santos e Santana (2015, p. 875) destaca:

No Brasil, desde 2011 casais homoafetivos conseguiram o direito de ter oficialmente sua união civil, assim a adoção pelo casal passou a ser possível. Não há vedação legal para a instituição da adoção de crianças por casais homossexuais no país. Conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990), não há a proibição de adoção por casais do mesmo sexo, sendo assim, a orientação sexual não deve ser critério de exclusão ou hierarquização de candidatos à adoção.

Nesse sentido, Dias (2014) enfatiza que o estado tem o dever maior de proporcionar a garantia de justiça, tendo a obrigação de garantir o respeito à dignidade de todas as pessoas, entendendo que o casamento homoafetivo é uma nova realidade e que não adianta se revoltar contra isso. O fato de não se querer enxergar o que está diante dos olhos não faz com que desapareça. Tentar enquadrar a família ao modelo do casamento é deixar de fora dos direitos da justiça uma quantidade significativa de novos arranjos familiares que formam a sociedade atual.

Dias (2014) ainda ressalta que “O último censo revelou a existência de 60 mil famílias constituídas por pessoas do mesmo sexo”. É um número bastante significativo para simplesmente ignorar a existência desses novos arranjos familiares.

Segundo Borrillo (2010), a igualdade dos direitos para pessoas homossexuais é considerada como uma ameaça para a essencial divisão dos sexos e que em nome dessa divisão as uniões homossexuais são deixadas à margem do direito da família. Para a militância anti - homossexual, a diferença dos sexos torna-se não só o motivo da exclusão, mas também critério em função do qual os homossexuais são denunciados enquanto responsáveis pela destruição dos princípios fundamentais da civilização.

Ainda que a passos lentos, a comunidade LGTBTTT já pode comemorar algumas conquistas mais que merecidas por todos esses anos de luta e de resistência, mas conscientes que ainda haverá muito pelo o que lutar para que futuramente as pessoas homossexuais possam desfrutar dos mesmos direitos civis e sociais que as pessoas heterossexuais, e que, simultaneamente, com a conquista da igualdade de direitos aconteça também a igualdade de respeito.

CAPÍTULO II - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa, que teve como interesse buscar compreender quais são as vivências experimentadas por discentes homossexuais no âmbito do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande.

Para que isso acontecesse tornou-se necessário investigar, interpretar e compreender a realidade dos sujeitos envolvidos na pesquisa, possibilitando ao pesquisador uma maior reflexão e ampliação de suas compreensões sobre o assunto, uma vez que a pesquisa qualitativa não se preocupa apenas com a aquisição dos dados, mas com todo o processo que procede nesses dados.

Sendo esta a melhor opção para os objetivos almejados, a pesquisa qualitativa busca compreender a realidade dos sujeitos pesquisados. Nesse sentido, Minayo (1994) afirma que a pesquisa qualitativa “[...] se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes [...]”.

Para se construir esse trabalho tornou-se indispensável a pesquisa de campo, pois esta possibilita “[...] obter informações e conhecimentos a respeito de problemas para os quais se procura resposta ou a busca de confirmação para hipóteses levantada [...]” (SILVA, 2011). Para esse momento, é necessário que o pesquisador estude antes de ir a campo, para obter conhecimento prévio do que está pesquisando. Por isso precisa adquirir um embasamento teórico para fundamentar o projeto de pesquisa com os assuntos estudados, pois só assim terá suporte para compreender e auxiliar na construção da pesquisa.

Com relação aos procedimentos metodológicos, foi utilizado o estudo de caso. Nessa perspectiva Gil (2010, p.37) afirma que o estudo de caso “[...] Consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetivos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento, tarefa praticamente impossível mediante outros delineamentos já considerados”.

Referente aos sujeitos desta pesquisa, contou-se com a participação de seis discentes homossexuais da Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores – CFP, do campus de Cajazeiras – PB, a fim de que estes relatassem suas experiências vividas dentro da instituição de ensino e

pudessem descrever se já sofreram ou não algum tipo de preconceito por causa da sua orientação sexual dentro da universidade. Desses seis discentes, três homens e três mulheres, com idade entre vinte e vinte e cinco anos. A entrevista aconteceu no próprio campus, facilitando o encontro entre os sujeitos e o pesquisador.

O instrumento usado para a coleta de dados desta pesquisa foi o Teste de Associação Livre de Palavras (TALP), pois este tipo de instrumento, segundo Brito e Tavares et al. (2014), “auxiliará nos processos que favorecem a revelação de desejos fundamentais, elementos de conflitos, momentos significativos da história de vida e as representações sociais relacionadas a objetos e fenômenos”.

Brito e Tavares et.al (2014) ressalta que “essa técnica se apresenta como sendo de tipo projetiva, a medida que atua diretamente sobre a estrutura psicológica dos indivíduos por meio de estímulos indutores, que podem ser verbais (frases, palavras, expressões) ou não verbais (figura, imagens fixas ou em movimentos) [...]”. Foi utilizado no teste 12 palavras estímulos, as palavras foram as seguintes: sexualidade, homossexualidade, amor, namoro, sapatão, gay, isolamento, preconceito, gênero, amigos, família e universidade. As palavras estão na ordem que foram ditas. Cada discente, a partir do momento que ouvia a palavra, dizia outras 5 palavras que vinham a sua mente, sem pensar, referente à palavra dita pelo o pesquisador. Após esse processo, dava-se início a uma conversa para compreender o(s) motivo(s) pelo(s) qual(is) o participante havia relacionado o termo sugerido, às palavras que ele usou como resposta.

Para aplicar o Teste de Associação Livre de Palavras foi utilizado como auxílio um gravador que subsidiou esse momento. Nesse sentido, Matos (2002) destaca a importância de esclarecer aos sujeitos, caso haja inibição, que o uso desse instrumento diminui os riscos de compreensão errada, assegurando a qualidade do material. Por conseguinte, todas as falas foram transcritas na íntegra. Também foi importante assegurar aos sujeitos a sua não identificação e o que seria feito do material discursivo coletado.

CAPITULO III - RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo iremos analisar o conteúdo disposto das entrevistas realizadas pela pesquisadora junto aos sujeitos desta pesquisa, ou seja, os estudantes homossexuais do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, localizada na cidade de Cajazeiras – PB. O primeiro quadro apresenta o perfil dos sujeitos pesquisados.

Quadro I – Perfil dos sujeitos.

Nome Fictício	Sexo	Idade	Curso
Amanda	F	22 anos	Geografia
Emerson	M	21 anos	História
Joana	F	25 anos	Ciências Biológicas
Jeferson	M	20 anos	Pedagogia
Letícia	F	20 anos	História
Rodrigo	M	21 anos	Pedagogia

FONTE: Dados da pesquisa (2016).

Para facilitar a análise dos dados adquiridos por meio do Teste de Associação Livre de Palavras (TALP), dividimos em três quadros. Estes quadros foram divididos entre duas e três categorias, que juntas somam sete categorias para análise. O primeiro quadro aborda a universidade como espaço de convivência, apresentando três categorias: amizade, liberdade e vida dupla. Nesse quadro, os sujeitos relatam como é a relação de amizade construída dentro desta instituição, a liberdade de se expressar melhor, sem policiamento. Falam também sobre a sensação de ter uma vida dupla, de ser uma pessoa dentro da universidade e ter que ser outra em suas casas.

O segundo quadro vem abordar a universidade como espaço de resistência e crescimento para os sujeitos. Nesse quadro, os sujeitos relatam a importância de ter que resistir e lutar por espaços e direitos da comunidade. Também falam do crescimento pessoal e intelectual que adquiriram depois que entraram na universidade.

O terceiro, e último quadro, aborda o preconceito que eles enfrentam por serem pessoas homossexuais. Esse quadro é dividido em duas categorias: o preconceito familiar e o preconceito dentro da universidade. O segundo quadro apresentará os dados sobre como é a convivência dos discentes dentro da universidade.

Quadro II – Universidade como espaço de convivência.

CATEGORIA	DISCURSO	Nº
AMIZADE	<p>[...] os amigos verdadeiros, realmente as pessoas que eu sinto segurança, que me provaram, estão aqui, na universidade. (Rodrigo).</p> <p>[...] ah, é um amor de irmandade. É tão transparente, assim, tão, é até quando a gente diverge, assim, de pensamento, discute, passa uns dias sem se falar, mas é uma saudade tão grande que, tipo, a gente volta a se falar [...] (Amanda).</p> <p>[...] são pessoas que eu confio realmente. Os amigos, amigos que sabem de mim, são daqui. (Jeferson).</p> <p>[...] só precisava ser sinceros. Eu já tive provas que eles não são. Interesse aqui dentro é inegável. A briga de egos que existe aqui dentro de conquistar espaço [...]. (Letícia).</p> <p>[...] foi por conta deles que me deu ânimo para viver. A questão do suicídio, porque eu não fiz, por conta dos meus amigos, porque eu sabia que tinha pessoas que me ama. Então a esperança de viver foi através deles. (Emerson).</p>	5
LIBERDADE	<p>[...] me sinto mais livre, na forma de me expressar, de ser o que realmente eu sou aqui na universidade. (Rodrigo).</p> <p>Eu sempre tive essa ideia de que eu poderia ser quem eu queria ser aqui. (Jeferson).</p> <p>Primeiramente livre. É que eu me apeguei muito a universidade, porque foi aqui dentro. A partir do momento que eu me vi sozinha, eu passei a buscar força pra enfrentar [...]. (Letícia).</p> <p>Me sinto livre aqui, porque é uma tolerância maior [...] Aqui eu posso gritar nos corredores, posso conversar, posso compartilhar meu pensamento do jeito que eu enxergo o mundo, a diversidade sexual, posso conversar abertamente com as pessoas, pelo menos com a maioria das pessoas, e do lado de fora por questão pessoal minha que está ligada com a família, com a religião. (Emerson).</p>	4
VIDA DUPLA	<p>O medo de não poder ser quem eu quero ser é como se eu fosse duas pessoas, uma pessoa dentro da universidade e outra fora da universidade, e eu não consigo ser duas pessoas, não sei até quando eu vou ser duas pessoas. Queria ser uma, queria ser o cara que sou aqui dentro e queria ser lá fora. Eu tenho medo de como a sociedade vai reagir, de como a família vai reagir. (Emerson).</p> <p>[...] eu queria poder me expressar do jeito que eu sou aqui, super a vontade, em casa. Da mesma forma que eu falo com os meus amigos, eu queria poder conversar com minha família, mas eu não posso. (Joana).</p> <p>A angústia é por eu não poder viver a vida que eu quero, é como se eu tivesse dupla personalidade. Aqui em Cajazeiras eu sou uma pessoa, quando chego na minha casa tenho que me vestir de outro Jeferson, que foi construído pela minha família, pra satisfazer e não deixar ninguém triste lá em casa. (Jeferson).</p>	3

FONTE: Dados da pesquisa (2016).

Dos seis discentes pesquisados, quatro afirmaram que mantêm boas amizades dentro do convívio universitário. Amizades as quais eles depositam muita confiança e que se sentem muito confortáveis para compartilhar suas experiências de vida. É na universidade que estes encontram amizades seguras, considerando-as como amizades verdadeiras. É um elo bastante forte. Como diz um dos sujeitos, é uma irmandade que mesmo quando divergem de opiniões e discutem por algum motivo, não consegue os afastar por muito tempo.

Eles dividem pensamentos, experiências e ideias semelhantes, como o fato de terem deixado suas cidades e famílias para estudarem em outro lugar, renunciando ao aconchego de suas casas. Isso faz com que eles busquem suprir a ausência da família com o carinho dos amigos. É perceptível também que essas amizades contribuem para o crescimento dentro e fora da instituição de ensino, e isso acontece por meio de troca de experiências, grupos de estudos e conversas nos corredores, construindo e desconstruindo pensamentos, fortalecendo ainda mais essa ligação. Podemos comprovar isso em um dado momento da entrevista quando o sujeito Emerson diz o seguinte: “os meus amigos são os meus escapes, são os protagonista da minha vida, que me dá ânimo para viver, que cada dia está me ajudando em formações de pensamentos, em desconstrução de pensamentos, de crescimento enquanto pessoa, na vida, na parte teórica”.

Ao contrário dos demais entrevistados, Letícia relata amizade de um ponto de vista negativo, dizendo que não sente confiança nas amizades de dentro da universidade, uma vez que não consegue sentir sinceridade nessas amizades. Afirma também que existe uma disputa de egos, a qual cada um quer se sobressair em cima do outro, deixando claro que o que importa mesmo são as conquistas particulares por uma busca de espaço dentro da universidade, sem demonstrar interesse e alegria com a conquista dos amigos. É possível perceber por meio de toda a entrevista que a discente tem dificuldade em confiar nas pessoas em qualquer lugar, e não só na universidade, o que deixa claro que o problema não está nas amizades construídas dentro do ambiente educacional, mas que é uma questão muito particular do sujeito em não sentir confiança nas pessoas.

Para quatro dos sujeitos pesquisados, as amizades construídas dentro do espaço acadêmico são firmadas por meio de afinidades, ideais, experiências de vida. Um apoia o outro nessa caminhada acadêmica com tantos desafios. Outro ponto que os une é a sexualidade, o fato de serem homossexuais faz com que eles

formem grupo, dessa forma eles se sentem fortalecidos quando estão juntos, se sentem protegidos quando estão entre eles. Vale ressaltar que eles não têm somente amigos homossexuais dentro da universidade, também fazem parte do grupo de amigos héteros, é o que afirma o sujeito Rodrigo.

[...] companheirismo caminha junto com a amizade, que a gente se respeita, entendeu? Eu tenho amigos héteros aqui na universidade e eu nunca imaginei que ter uma amizade hétero, e ser pessoas tão compreensivas, tão sem nenhum preconceito fosse tão bom. Na minha visão de hétero, porque na verdade a minha visão heterossexual, agressiva e preconceituosa, era voltada pra masculinidade, para o homem, pra o homem hétero [...].

Com essa afirmação compreendemos que o respeito é um critério relevante para fazer parte do seu grupo de amigos, que não é somente a sexualidade, e sim, a compreensão, a aceitação e o acolhimento que fortalece essas amizades.

Com relação à liberdade que eles sentem dentro da universidade, quatro, dos seis sujeitos entrevistados, afirmam que se sentem muito livres dentro da instituição de ensino. Estes relatam que na universidade eles podem ser o que são, podem viver sua sexualidade sem medo de repressão, o que não acontece em suas casas. É na universidade que eles sentem a liberdade de demonstrar e viver sua homossexualidade, aceitando sua identidade sexual de forma mais tranquila, sem dar muita importância aos comentários, aos estereótipos dos quais vivem sendo rotulados por onde passam.

Talvez não seja algo tão importante para quem tem sua sexualidade dita normal, ou seja, heterossexual, mas para os discentes homossexuais, poder se identificar como gay ou lésbica dá a eles uma sensação de igualdade, de liberdade, de uma existência maior. É ter a sensação de pertença dentro de uma sociedade que geralmente os exclui. Sobre isso, Weeks (2013, p. 69) diz que:

[...] A ideia de uma identidade sexual é ambígua. Para muitos, no mundo moderno, é um conceito absolutamente fundamental, oferecendo um sentimento de unidade pessoal, de localização social e até mesmo de comprometimento político. Não são muitas as pessoas que podemos ouvir afirmando “eu sou heterossexual”, porque esse é o grande pressuposto. Mas dizer “eu sou gay” ou “eu sou lésbica” significa fazer uma declaração sobre pertencimento, significa assumir uma posição específica em relação aos códigos sociais dominantes.

Percebe-se na fala do autor que definir e assumir a forma como se identifica sexualmente constitui uma importante característica social que, em muitos casos,

será utilizada como referência de determinado indivíduo. Posicionar-se de forma contrária daquela definida como socialmente comum é, sobretudo, um ato de coragem, mas que terá diversas consequências, haja vista que as outras formas de se relacionar são colocadas em posição de marginalidade. Isso ocorre quando um indivíduo identifica-se e assume-se homossexual, desafiando os parâmetros definidos pela sociedade heteronormativa, enfrentando as rejeições que encontrará em alguns ambientes, porém, desfrutando livre e abertamente da sua sexualidade.

Se definir como homossexual em algum ambiente é uma vitória para quem vive se escondendo e tem dificuldades em viver sua homossexualidade declaradamente. Ao se afirmar como sujeito homossexual, logo, estará iniciando uma luta por um espaço o qual se deseja fazer parte e não mais permitir ser excluído por não se enquadrar no que a sociedade determina como normal.

Também se faz necessário compreender que a sexualidade não é a essência do ser, e que tão pouco a personalidade deste sujeito é definida por isso, vai muito além de apenas desejos sexuais. Com relação a isso, Weeks (2013) fala que estamos tomando consciência que a sexualidade é um produto não só da linguagem e da cultura, mas também da natureza. No entanto, temos nos esforçado quase sempre para fixá-la e estabilizá-la ao dizer quem somos, quando contamos a respeito do nosso sexo.

A universidade é esse ambiente que permite expressar liberdade e também de lutas e conquistas por espaço, haja vista o que os sujeitos afirmam, de que se sentem livres dentro desse ambiente. É o que relata o discente Emerson ao dizer: “me sinto livre aqui, porque é uma tolerância maior”. Mesmo que estes não estejam livres 100% de preconceitos, eles conseguem encontrar dentro da universidade essa tolerância maior ao que diz respeito a sua sexualidade. Poder ser o que são é uma conquista significativa e de grande relevância. Emerson também diz que “a universidade dá ânimo para viver, é saber que tem pessoas como você”. Com essas palavras do sujeito, reafirma-se que a universidade é um espaço que promove um bem estar, por proporcionar um encontro de culturas, de sexualidades que se encaixam com as necessidades de alguns estudantes em ter apoio, e esse apoio é encontrado dentro da instituição de ensino.

Ao decorrer da entrevista, três dos sujeitos pesquisados relatam como eles sentem dificuldade em ter que esconder sua sexualidade dentro de suas casas e que precisam fingir serem outras pessoas dentro do seu ambiente familiar e em

alguns outros lugares, uma vez que estes não se sentem confortáveis e que acreditam não serem aceitos por sua família caso descubram que eles são homossexuais. Percebemos isso mais claramente na fala do sujeito Jeferson, ao relatar sua angústia quando diz:

[...] a angústia é por eu não poder viver a vida que eu quero, é como se eu tivesse dupla personalidade. Aqui em Cajazeiras eu sou uma pessoa, quando chego na minha casa tenho que me vestir de outro Jeferson que foi construído pela minha família, pra satisfazer e não deixar ninguém triste lá em casa.

Os sujeitos pesquisados acreditam que possuem uma dupla personalidade, que vivem duas vidas diferentes, uma dentro da universidade e outra dentro de suas casas, causando aflição em ter que agir de duas maneiras diferentes. Isso acontece porque eles temem a rejeição dos familiares quando descobrirem que são homossexuais. Esse é o medo que mais os assola, o de não ser compreendido pelas pessoas que eles mais amam.

Tendo em vista que para eles o seio familiar é o primeiro espaço constituído, na concepção deles é o primeiro lugar que devia promover segurança, confiança e acolhimento. Eles desejam aceitação da família. Podemos constatar isso na fala do discente Jeferson, quando ele diz: “eu sei que tem o preconceito da sociedade, mas se a família não aceitar, se aceitação não partir da família, quem é que vai aceitar, se o único refúgio que a gente tem é a família?”.

A possível negação dos familiares com relação à sexualidade destes torna mais difícil e complicada a aceitação pessoal. E por esse motivo, o medo da rejeição faz com que estes jovens vivam escondendo sua homossexualidade e tendo que viver com a sensação de possuir duas vidas. Com isso, esses jovens procuram um grupo, um espaço que possam encontrar pessoas que os compreendam e que possam viver sua homossexualidade tranquilamente. É o que diz Loiola (2006, p 88) na seguinte afirmação.

Nestes percalços trilhados pelos/pelas jovens homossexuais e/ou heterossexuais, o assumir-se gay depende do rompimento de diversos fatores (normas) cristalizados em nossa sociedade, um deles é o convívio “normal” nos espaços vividos por eles/as. Quando esses espaços não são possíveis entre a família, na escola, na igreja ou no grupo de amigos, serão buscados outros, onde poderão encontrar pessoas de mesma orientação sexual. Neles compartilham suas alegrias e angústias, buscam viver momentos singulares de liberdade sexual [...]

Esse espaço almejado por eles é geralmente encontrado dentro da universidade, junto às amizades construídas ali, a qual eles desabafam partilhando suas angústias, suas incertezas, o medo da rejeição por parte da família e de alguns amigos, assim como também partilham as suas alegrias, suas conquistas, seus namoros. A universidade tornou-se o espaço que proporciona momentos de partilhas e compreensão que não é encontrado em suas famílias. Embora seja esse o desejo deles, podemos constatar na seguinte fala da discente Joana quando esta diz: “eu queria poder me expressar do jeito que eu sou aqui, super à vontade, em casa, da mesma forma que eu falo com os meus amigos, eu queria poder conversar com minha família, mas eu não posso”.

Ao decorrer da entrevista, dois dos sujeitos descrevem suas famílias e dizem que um dos motivos que aumentam o medo de contar sobre sua sexualidade é o fato dela ser protestante e a homossexualidade ser vista por eles como algo abominável, que vai contra os ensinamentos da igreja. Isso se evidencia na fala do discente Emerson, quando ele diz “eu fui criado num lar protestante, a minha família é protestante e, tem todo um discurso construído e você tá lá dentro e você reduz a sua visão de mundo ao discurso religioso, ao discurso cristão, ao discurso bíblico”.

O olhar religioso com relação à homossexualidade, como já sabemos, é sempre um olhar que acusa, julga e que condena, utilizando sempre de palavras pejorativas. Desta forma, eles preferem, não por opção, esconder sua homossexualidade dos seus familiares e viverem essa vida dupla, como eles relatam, pois sabem que se de fato contarem a verdade, irão desestabilizar seus lares, causada pela falta de compreensão e de conhecimento, pois estão presos as suas crenças. Nesse sentido, Dias (2014, p.197) afirma que: “a origem do repúdio ao amor entre iguais é de ordem religiosa. O exercício da sexualidade sempre foi aceito exclusivamente para fins procriativos. Sob o nome de lascívia, o prazer era considerado pecaminoso”.

Assumir-se homossexual dentro de um lar cheio de crenças religiosas torna-se um desafio ainda maior para esses sujeitos, uma vez que foram criados e doutrinados a seguir as sagradas escrituras como um livro guia, que diz o que deve e o que não deve ser feito, o que é certo e o que é errado. Nesse sentido, contrariar o que foi ensinado por seus líderes religiosos é uma afronta para a família. É por esse e tantos outros motivos que muitos precisam viver essa vida dupla, de viver em casa, com seus familiares com uma maneira diferente, policiada e sem liberdade. E,

ao mesmo tempo, viver em outros ambientes de forma livre, sendo quem é, sem nenhum policiamento, sem nenhum medo de ser quem realmente é.

Nesse terceiro quadro apresentar-se-á os dados sobre o crescimento e a resistência dos discentes dentro da universidade.

Quadro III - Universidade como espaço de resistência e crescimento.

CATEGORIA	DISCURSO	Nº
RESISTÊNCIA	<p>[...] resistir significa não morrer quando vai dormir. Assim, passar o dia existindo que se transforma numa resistência, porque a sociedade dominadora não quer que a gente exista [...]. (Amanda).</p> <p>[...] por mais que tenha o preconceito na sociedade, muitas pessoas enfrentam o preconceito; para que outras pessoas, para que as próximas pessoas que estão vindo, que estão nascendo, possa viver em uma sociedade melhor [...]. (Emerson).</p> <p>[...] a partir do momento que eu comecei a me encontrar, a me afirmar como lésbica, eu passei a ter que resistir, a ir contra padrões que eram impostos na minha vida anterior a universidade, mas aqui dentro também passei a ter que aprender a resistir a certos padrões que são impostos aqui dentro, que não são expressos visivelmente, mas existem resistência nesse sentido também. (Letícia)</p>	3
CRESCIMENTO	<p>[...] me deixou mais responsável, mais disciplinada [...]. (Amanda).</p> <p>[...] Cresci em modos de pensar, em modos de enxergar a diversidade sexual e como analisar a pessoa, o próximo quanto pessoa e não reduzir a sexualidade. (Emerson).</p> <p>[...] Eu abri a minha mente quando entrei aqui. Tipo, eu vi que tinham pessoas que não pensavam como a maioria das pessoas que eu convivia [...]. (Joana).</p> <p>[...] O meu crescimento foi junto a visão de mundo, que foi ampliada junto as responsabilidades. A minha maneira de se portar junta muita, muita, muita coisa. (Letícia.)</p>	4

FONTE: Dados da pesquisa (2016).

Dos seis sujeitos entrevistados, três deles disseram que a universidade é para eles um espaço que os fazem refletir sobre luta, resistência e o quanto eles precisam resistir no seu dia a dia. Na concepção de alguns dos entrevistados, eles acreditam que ao nascerem eles existem, mas ao se assumirem homossexuais eles começam a ter que resistir. Desde o momento que o médico anuncia que a criança, ainda no ventre da mãe, nascerá um homem ou uma mulher, todo o seu futuro começa a ser traçado. O futuro dessa criança começa a ser planejado a partir dos padrões estabelecidos pela sociedade. Diante disso, Loiola (2009, p. 43) destaca que:

No campo da sexualidade esta cultura determinou a heterossexualidade como hegemônica – síntese do machismo, selecionando as características individuais para cada sujeito mediante o gênero a que pertence, causando sérias implicações para as relações sociais e sexuais. De modo que, ao nascer o indivíduo já leva impresso consigo um roteiro definido para seu comportamento de homem ou de mulher [...].

Quando a criança torna-se um adulto e esta não se enquadra dentro da heterossexualidade é como se ela estivesse descontruindo tudo que foi planejado e preparado pelo os seus pais para o seu filho. Não seguir o futuro pré-definido, feito por outrem ainda na descoberta do seu sexo, é contrariar e resistir, de forma corajosa, os protótipos determinados a estas pessoas ainda quando crianças.

Ao tomar consciência da sua condição sexual e perceber que não condiz com tudo que lhe foi proposto, inicia-se o processo de rompimento do caminho que foi traçado ainda no ventre da sua mãe. Dizer não as condições de vida impostas pela sociedade heteronormativa, que crítica e condena todos que seguem o caminho oposto ao dela, é, sem dúvidas, um ato de resistência. E, a partir daí, começa então o momento de luta e de resistência das pessoas homossexuais, de buscar o seu lugar no mundo e ser respeitado da forma que se sente bem. A luta começa quando esses sujeitos tem que resistir a todas as coisas que lhes são impostas dentro de determinados lugares pelo simples fato de não se encaixarem dentro dos padrões pré-determinados pela sociedade.

Para a discente Letícia, um dos lugares de resistência também é dentro da universidade. Como ela mesma disse, a partir do momento que ela se reconhece como lésbica, ela inicia um processo de resistência contra padrões que eram impostos em sua vida antes de entrar na universidade, mas que também precisou aprender a resistir a padrões impostos dentro da universidade. Percebemos na fala dessa discente os desafios enfrentados por ela, de ter que diariamente lutar para ser aceita como ela é e não como queriam que ela fosse.

Podemos também perceber a insegurança e o medo que os sujeitos entrevistados sentem de não estarem dentro do modelo dito correto pela sociedade, e para um deles, viver virou sinônimo de resistir. Isso fica visível na fala da discente Amanda, ao dizer que “resistir significa não morrer quando vai dormir. Assim, passar o dia existindo que se transforma numa resistência, porque a sociedade dominadora não quer que a gente exista”. A resistência é algo muito presente na vida delas, resistir vai muito além do que imaginamos. O que para as pessoas heterossexuais é

algo natural, o dormir e acordar, para alguns sujeitos homossexuais é uma vitória, uma conquista.

Durante a entrevista o discente Jeferson relatou com detalhes um fato que aconteceu com ele e a sensação de correr o risco de ser agredido pelo simples fato de ser homossexual. Na entrevista o discente relata:

[...] a gente tava ficando lá no NEC. Teve uma festa lá no NEC e a gente ficou próximo ao NEC. Aí passou dois rapazes, aí fez: eca. Aí isso dá uma raiva tão grande, se fosse um casal hétero uma pessoa ia dizer, eca? Não. Porque é tão diferente? Aí eu peguei e beijei. Aí eu disse assim: vamos beijar só pra matar na unha. Aí o menino disse: era bom que a gente voltasse e desce uma surra bem grande. Aí eu disse: Vamo embora, agora eu fiquei com medo. A gente saiu bem rápido.

Ao contar esse episódio acontecido com ele, fica visível a raiva, de não poder ter a mesma liberdade de se relacionar com seu parceiro, de correr o perigo de ser agredido. Isso é um tipo de coisa que os casais heterossexuais jamais vão sentir, esse medo de ser agredido por estar trocando carinho com a pessoa que está se relacionando. Nesse relato, podemos entender o beijo entre eles como uma forma de luta, por ter também o direito à liberdade de beijar quem gosta e onde quiser.

Podemos também constatar nas falas dos sujeitos, que resistem para existirem em meio a uma sociedade que ainda não os querem aceitar. Eles resistem à opressão, ao preconceito, a discriminação e todos os outros tipos de rejeição que os homossexuais enfrentam, para que outros possam se sentir encorajados para também enfrentarem toda essa exclusão da sociedade. É o que afirma o discente Emerson, quando diz que “por mais que tenha o preconceito na sociedade, muitas pessoas enfrentam o preconceito para que outras pessoas, para que as próximas pessoas que estão vindo, que estão nascendo, possam viver em uma sociedade melhor [...]”.

Tendo como base a fala desse sujeito, podemos perceber que eles não estão somente preocupados com eles, no seu presente, mas com todos que futuramente possam sofrer o que eles sofrem hoje. Eles resistem por um futuro menos intolerante, com menos ódio, com menos ignorância. Resistem em prol de uma igualdade. Lutam para que o amor entre iguais seja visto apenas como amor e nada mais. Podemos observar que este discente tem como ideal, proporcionar às gerações futuras uma liberdade maior para poderem viver sua sexualidade sem tanta repreensão e que futuramente a homofobia chegue ao fim. E que para que isso

de fato aconteça, é necessário que ela seja discutida, seja debatida para que todos tomem conhecimento desse preconceito contra homossexuais. A sociedade ainda tem um conhecimento pouco aprofundado dessa violência. Sobre isso, Prado (2010, apud BORRILLO, p. 9) comenta:

Na sociedade brasileira ainda temos pouco conhecimento sobre homofobia. Sim, sabemos que ela existe tanto através de dados empíricos, de pesquisas quanto pela lógica da experiência. No entanto, estamos em um momento bastante contraditório: sabemos que ela existe, mas sabemos tão pouco sobre como ela funciona e quais as suas dinâmicas ao se articular com outras formas de inferiorização. Compreender o funcionamento da homofobia, sobretudo quando é evidente que o preconceito não só reside nos indivíduos, mas também se articula na cultura e nas instituições é fundamental para aprimorar as formas de enfrentamento e desconstrução de suas práticas violentas e silenciosas.

É sobre a desconstrução dessas práticas violentas que o discente Emerson fala da relevância das suas lutas e resistências quase que diárias, buscando um futuro menos violento para as próximas gerações. Para ele, é imprescindível enfrentar o preconceito dessa sociedade atual para garantir, no futuro, uma sociedade mais tolerante com a comunidade LGBTTTT.

A outra categoria que apareceu sobre a vida na universidade foi o crescimento. Quatro sujeitos, dos seis entrevistados, também falaram do quanto eles cresceram depois que ingressaram na universidade, tanto o crescimento pessoal, como o intelectual. Discorreram sobre as mudanças que aconteceram em suas vidas após entrarem na universidade, a maneira de pensar e ver o mundo com outra ótica. Na entrevista, a discente Joana fala sobre como ela abrangeu suas ideias, o quanto a universidade foi essencial para que ela abrisse a mente e tivesse uma nova visão de mundo, que foi exatamente o que ela viu quando entrou na instituição, pessoas que pensavam diferente da maioria das pessoas que ela convivia.

Nesse relato é perceptível a visão positiva que a discente encontra nesse novo espaço. Um espaço que ela pode ampliar-se, enxergar além do que ela vivia antes e de encontrar outras pessoas com os pensamentos semelhantes aos seus e ao mesmo tempo tão divergentes dos pensamentos dos outros do seu convívio. A discente Joana ainda completa o pensamento dizendo que “a maioria das pessoas que eu convivo em casa, na minha cidade, devido ser uma cidade pequena, é preconceituosa. Não dá pra você entrar em assuntos sobre homossexualidade sem ouvir uma piada, sem ouvir um discurso de ódio”. Para essa discente, o fato de

morar numa cidade pequena é um motivo a mais para justificar o preconceito onde mora.

Que a homossexualidade tem conquistado espaço nesses últimos anos é inegável, pois muitos direitos sociais foram conquistados, houve o aumento da visibilidade. Em contrapartida, acaba por fazer surgir um movimento contrário que geralmente utiliza um discurso de ódio, do qual relata o sujeito acima. Compreendemos que a cidade da qual ela fala não é diferente de outros lugares que vemos por aí. Costa e Joca (2009, p.20) enfatizam sobre isso ao dizer:

Como em todo momento de mudança, a realidade de hoje guarda várias contradições. Ao mesmo tempo em que vemos e convivemos cada dia mais com a visibilidade da diversidade sexual cada vez mais rica e menos rotulada, se mantém e até se reforçam atitudes preconceituosas, discriminatórias e violentas de pessoas, grupos e instituições conservadoras. Esse embate entre o novo e o conservador, entre a conquista dos direitos e a repressão dos preconceitos se dá em todo o corpo social, em diferentes instâncias. Na família, no círculo de amigos, na comunidade, no trabalho e na escola.

Hoje existem lugares que estão acolhendo melhor as pessoas da comunidade LGBTTT e a universidade é um desses lugares. É o que afirma a discente Joana, ao continuar dizendo na entrevista que na universidade ela vivencia algo diferente. Ela diz o seguinte: “aqui eu vivencio o oposto. Se citar o assunto, eu só vejo pessoas defendendo, argumentando”. Podemos constatar nessa fala que esse sujeito vive em dois ambientes opostos. Em sua cidade ela se sente reprimida pela falta de respeito e compreensão por parte das pessoas do seu convívio, já na universidade ela se sente acolhida, aceita. Ter esse sentimento de acolhimento tem ajudado no seu crescimento como pessoa humana, como pessoa homossexual. Novas visões de mundo vão se construindo a cada nova experiência vivida por ela dentro da instituição.

A universidade tem sido um lugar de crescimento para a maioria dos sujeitos pesquisados. Dentro dela eles conseguem discutir suas ideologias e avaliarem o quanto sua ótica tem se abrangido dentro desse espaço. A discente Letícia tem a mesma visão do discurso da Joana. Letícia fala sobre seu crescimento depois que chegou a universidade, ela relata também que desenvolveu um olhar diferente, juntamente ampliado as suas responsabilidades e a sua maneira de se portar.

Letícia, em seu discurso, fala que esse crescimento possibilitou a ela ver as coisas de outra forma e até mesmo de conseguir avaliar as suas mudanças nesse

percurso. Em um determinado momento ela também fala o seguinte: “não é pelo fato de eu ser lésbica que eu não tinha outros preconceitos, porque eu tinha sim”. Ao reconhecer isso dentro da universidade, ela começou a rever esses preconceitos. Ela não deixa claro quais eram os preconceitos, mas ela nos permitiu saber que existiam e que a partir do momento que começou essa ampliação de mundo, esse olhar diferente ao seu redor, muitas coisas foram mudando na forma de encarar esses preconceitos. Nesse contexto, seu crescimento pessoal e acadêmico permitiu que ela iniciasse um processo de desconstrução desses preconceitos.

Ainda com relação ao crescimento que esses jovens adquiriram dentro da universidade, a discente Amanda explica a mudança que foi para ela depois que entrou na universidade, que além dela ter se tornado mais responsável, mais disciplinada, também a deixou mais consciente do lugar dela. Constatamos isso quando ela diz “[...] estou sabendo o meu lugar, de onde eu vim, quem eu sou, por que lutar, pelo o quê, por quem é. Eu acho que aqui eu tô sabendo aproveitar bem o espaço [...]”.

Na entrevista ela declara que começou ter clareza das coisas, de saber o que tem de fazer, pelas causas que deve lutar. Ela saiu de um mundo de proteção vivida por ela antes, para encarar uma nova fase da sua vida. Uma fase mais responsável, mais regrada, começa a defender suas ideias, no que acredita e principalmente a lutar por seus direitos como mulher lésbica.

Essa transformação resultou a partir da participação dela em grupos LGBT, grupos feministas e movimentos sociais. Essa transformação começou depois de um convite de uma amiga. Assim relata a discente Amanda:

[...] uma amiga minha me chamou para participar da reunião, aí a gente foi e eu me interessei por aquele espaço de mulheres. E aí depois ela me deu uma dica de leitura e foi o primeiro livro que eu li de Simone de Beauvoir. E depois daí pronto, eu criei uma sede [...].

Foi a partir dessa busca por conhecimento que, aos poucos, ela foi se identificando com esses grupos, tornando-se uma militante, lutando por igualdade de direitos para as mulheres, para as pessoas homossexuais, enfim, de todos que desejam um mundo mais igualitário.

A universidade tem sido uma ponte que tem ajudado a proporcionar essa ampliação de conhecimentos e de crescimento para Amanda. Assim também como para os outros discentes entrevistados. Por exemplo, o discente Emerson também

fala do seu crescimento, dizendo que seu modo de pensar amadureceu depois da universidade. A maneira de ele enxergar a diversidade sexual, a forma de analisar as pessoas quanto pessoa e não apenas reduzir a sua sexualidade.

Para esse discente, o crescimento adquirido dentro da universidade o fez refletir e enxergar a diversidade sexual do outro e compreender que ninguém pode ser definido, rotulado pela sua condição sexual, afirmando que: “pelo menos de mim, de não conseguir me definir, de não conseguir me encaixar, de não gostar de ser enquadrado, acredito que me limita, eu enquanto pessoa”. Sabemos que a sexualidade não é a pessoa por completo, e sim só mais uma característica dela. Sendo assim, uma pessoa não pode ser resumida apenas a sua sexualidade, é preciso ir mais profundo e enxergar o outro como ele é de fato, sem estereótipos.

Ainda na entrevista, ele vai dizer que “aqui é o encontro de pessoas que pensam diferentes de vários contextos de mundo de realidades diferentes. A universidade é um encontro cultural, é um encontro de diversidade de gênero, de étnico-racial”. Entendemos que para esse sujeito, a universidade é um lugar multicultural, que pode ser abordado todo tipo de assunto, podendo haver uma troca de experiências e conhecimentos, acrescentando ainda mais para o seu crescimento pessoal, pois este acredita que o conhecimento ajuda a compreender e respeitar o outro em suas diferenças.

Esse quarto quadro apresentará os dados sobre os preconceitos vivenciados pelos discentes.

QUADRO IV – Preconceitos vivenciados pelos os discentes.

CATEGORIA	DISCURSO	Nº
PRECONCEITO FAMILIAR	<p>Medo de decepcionar minha mãe [...]. E ser colocada pra fora de casa. (Joana).</p> <p>Eu tenho medo do meu pai saber, porque a gente já tem uma relação difícil [...]. (Jeferson).</p> <p>Eu tinha medo que as palavras pejorativas do meu pai se transformassem em atitudes [...] (Rodrigo).</p> <p>[...] divergência com meus pais, de não aceitarem em relação a minha sexualidade, que eu não quero que aceite porque a questão da aceitação é uma coisa muito pessoal, não cabe a mim querer que eles aceitem, mas que apenas não perca o afeto de pai e filho, mãe e filho, de irmão. [...]. (Emerson).</p> <p>O meu irmão já bateu em mim, já me agrediu, por conta que eu sou lésbica. (Amanda).</p>	5
PRECONCEITO NA UNIVERSIDADE	<p>[...] tipo, quando a pessoa vai na cantina ou quando vai na biblioteca, esses outros espaços que a gente frequenta, eu percebo olhares tortos. (Amanda).</p> <p>[...] na universidade não quer dizer que não tenha preconceito, a diferença é que aqui há uma liberdade maior, há uma tolerância maior [...]. (Emerson).</p> <p>[...] eu me sinto julgada, indiretamente, porque eu não falo de mim, porém eu escuto o que falam dos outros que também sei que aquilo se refere a mim também, só que de forma indireta. Escuto essas pessoas falando isso em casa, na universidade também. (Joana).</p> <p>[...] por mais que, em tese, seja aceito hoje em dia, a partir do momento em que a gente vai vivenciar isso, a gente sabe que não somos aceitos. Por mais que seja num ambiente como esse da universidade [...]. (Letícia).</p> <p>[...] em cantina eu já ouvi falar, já ouvi alguns discentes comentar com muito preconceito, com palavras horríveis e eles não sabem que eu sou homossexual, que eles estão me dizendo isso, e eu fiquei ouvindo aquilo. Eu disse: meu Deus como é que uma pessoa consegue ser tão ignorante a ponto de dizer uma coisa dessas. (Rodrigo)</p>	5

FONTE: Dados da pesquisa (2016).

Na entrevista feita aos seis sujeitos, cinco deles relatam os medos do preconceito que carregam dentro de si e o quanto isso é ruim. Fica evidente nas falas dos sujeitos que eles não sentem esses tipos de medos que estamos acostumados a ouvir. Eles não sentem medo de aranhas, cobras ou escuro, por exemplo. Os medos que eles carregam são bem mais profundos. O medo que eles precisam aprender a conviver está relacionado à sua homossexualidade e o que os outros irão pensar ou fazer caso sejam descobertos.

Na entrevista da discente Joana, ela disse que o seu medo é de decepcionar a mãe e também de ser expulsa de casa, caso a mãe descubra que ela é lésbica. Esse medo é um medo bem comum enfrentado por jovens homossexuais dentro de seus lares. Como já foi falado no quadro II, eles convivem com o medo da rejeição, da não aceitação dos seus familiares. Quando a discente Joana afirma que tem medo de decepcionar sua mãe, ela está dizendo que tem medo de frustrar todos os projetos de vida que já haviam sido traçados por sua mãe, projetos esses que ela não irá seguir, porque não pertencem a ela, não foram construídos por ela. E isso causa a insegurança de não pertencer mais a sua família, de não ter mais direito a um lar pelo simples fato de não conseguir ser o que sua mãe espera que ela seja.

O que se pode compreender através da fala de Joana é que os projetos construídos nos pensamentos de sua mãe estão sempre ligados aos padrões heterossexuais, os quais, para ela, são os corretos e não se aceita outra maneira. Nesse contexto, Sanders (1994 apud PALMA; LEVANDOWSKI, 2008, p. 273) vem dizer que:

[...] a grande maioria das mães que têm filhas homossexuais parece esperar uma mudança nessa orientação sexual. Com isso, acaba predominando a intolerância e o inconformismo, constituindo-se a família, para a grande maioria de lésbicas, a principal preocupação, seja como fonte de repressão, seja como cobradora de compromissos sociais heterossexuais. Desse modo, fica evidente que as famílias de origem, na maior parte das vezes, operam a partir de uma crença de que todos os filhos serão heterossexuais e crescerão seguindo estilos de vida e vivências desse tipo.

Numa proporção considerável, algumas mães sempre acham que tem domínio na vida dos/as filhos/as e de suas escolhas, mas sabemos que na maioria das vezes elas só fazem isso tentando cuidar e proteger. As mães sempre criam essa ideia de que seus filhos irão crescer, logo depois irão casar e que vão encher a casa de netos. Esses são alguns dos projetos de vida feitos pelas mães. Mas é importante salientar, que ser um sujeito homossexual não impede que se construam suas famílias. O que na verdade acontece é que a sociedade conservadora ainda não aceita a formação de novos arranjos familiares. Nesse sentido, Toledo e Filho (2013, p. 385) destacam que:

[...] são comuns os sentimentos de decepção e sofrimento pelas expectativas da heterossexualidade (noivado, casamento, netos nos moldes tradicionais) rompidas. Assim, precisam elaborar o luto de uma filha ou um filho heterossexual, o luto por si mesmos (pelo que seriam tendo uma filha ou um filho heterossexual) e pelos planos e sonhos que tiveram que 'matar' ou transformar.

Ainda nessa mesma ótica, Toledo e Filho (2013, p. 383) afirmam que “para cumprir com as premissas da heteronormatividade, as famílias investem pesadamente, e de modo inconsciente, para que seus filhos e filhas se tornem heterossexuais”. Com isso, podemos observar que as mães esperam que seus filhos se encaixem no modelo mais normal e convencional dentro da sociedade.

Continuando a categoria preconceito familiar, o sujeito Jeferson também relata seu medo na entrevista, relatando o medo que sente do seu pai saber e como ele pode reagir depois que descobrir sua homossexualidade. Jeferson fala do medo que ele sente do seu pai descobrir sobre sua homossexualidade, pois eles não mantem uma boa relação. Ele considera o seu pai um homem conservador, isso torna mais delicado a situação. É que o diz o discente: “[...] como ele é bem macho, ele ia considerar inferior perante os outros pais. Como ele bebe, lá como é lugar pequeno, o assunto ia percorrer os bares, ia conversar no bar. Com ele bêbado, poderia chegar em casa e podia fazer alguma coisa com mainha[...]”.

Na fala do sujeito, fica notório o medo que ele sente do que possa vir acontecer com sua mãe, caso sua sexualidade seja descoberta. Jeferson acredita que se seu pai descobrir que tem um filho gay, ele irá se sentir inferiorizado, porque ainda vivemos em uma sociedade que considera que ter um filho gay seja motivo de vergonha e está submetido a ouvir piadas de algumas pessoas. O discente Jeferson ainda enfatiza o fato de o seu pai ser considerado aquele típico “machão” e que consome bebida alcoólica, tornando-o mais agressivo. Isso aumenta o medo que ele já sente do seu pai, uma vez que ainda estamos presos a uma sociedade machista, que dita regras de como os homens e as mulheres devem ser e como se comportar.

Jeferson também tem medo que sua mãe seja violentada por seu pai, dele responsabilizá-la por ter tido um filho gay, por ter criado de forma errada, ter educado de uma maneira que o tenha levado a ser homossexual, pois acreditam que o desejo é ensinado. Podemos constatar isso na fala de Jeferson quando ele diz: “pode dizer que é criação, o povo tem disso, quando o filho é criado pela mãe, pronto, ele vai virar veado”. Muitos ainda têm essa ideia de que filho criado sem a presença do pai não desenvolve características masculinas.

Em outro relato, o discente Jeferson fala que não se sente totalmente feliz, porque não pode viver como gostaria, ele vive tendo que agir como outra pessoa e que é preciso renunciar a sua felicidade, pois prefere não se declarar homossexual

para evitar que seus pais se entristeçam. Podemos constatar isso no relato logo abaixo:

[...] eu amo bastante os meus pais, eu faria de tudo por eles, tudo, tudo, tudo. É isso que eu tô fazendo no momento, tô deixando a minha felicidade de lado pra deixar que eles sintam-se felizes achando que eu sou hétero, que ainda eu não entendi o motivo dos pais se entristecerem tanto por um filho ser gay, como que só uma determinação fosse mudar a pessoa, quem ele é, né. (Discurso do sujeito Jeferson).

Esse discurso não é apenas um discurso isolado desse discente, mas é um discurso de uma parcela de jovens que não conseguem se declarar para seus familiares por medo das consequências que terá de enfrentar e o medo de frustrar, decepcionar as pessoas que ele tanto ama, então prefere renunciar a felicidade de poder ser quem é e se esconder fingindo ser o que seus pais gostariam que ele fosse, evitando o sentimento de culpa por se sentir a vergonha da família. Jeferson também relata a indignação de ser tratado diferente, de causar tristeza para os pais, só por gostar de pessoas do mesmo sexo, como se isso fosse o suficiente para anular toda a sua essência e o que ele representa para os seus pais.

Não muito diferente dos discentes Joana e Jeferson, o discurso do outro entrevistado, o discente Rodrigo, também vem expondo o medo que ele precisou aprender a conviver, e mais uma vez vemos que esse medo está relacionado e presente dentro da sua própria casa, em seu seio familiar. Rodrigo cresceu ouvindo palavras desagradáveis do seu pai, ele cresceu com medo do que o seu pai poderia fazer com ele. Rodrigo fala na entrevista sobre o medo que ele sentia que as palavras pejorativas deixassem de ser agressões verbais e se tornassem agressões físicas. É o que ele afirma na seguinte fala: “[...] eu tinha muito medo do meu pai me bater por causa disso. Eu tinha muito medo que o preconceito dele fizesse ele me bater, me espancar [...]”.

Mais uma vez, vale salientar, que esse medo é um medo comum entre os jovens homossexuais, que sofrem agressões verbais dentro de casa, vindo das pessoas que eles mais confiam, mais respeitam. Essas agressões costumam ser rotineiras, o que vai ocasionando o desespero de continuar dividindo o mesmo espaço com os agressores, temendo espancamentos. Eles se sentem incompreendidos pelas pessoas que deveriam lhe oferecer proteção, mas que são justamente as pessoas que eles mais temem.

Para o discente Rodrigo, é quase insuportável conviver na mesma casa que seu pai, ter que dividir o mesmo espaço com alguém descriminando-o, que não aceita sua orientação sexual, alimentando o desejo de sair de casa, de ir embora para longe. Isso fica explícito em um determinado momento da entrevista, quando ele diz “[...] eu só tô morando perto dele porque eu não tenho onde morar em outro canto, mas assim que eu tiver estabilidade financeira pra isso, eu vou querer morar bem longe dele, porque sabe, não é bom, não é bom de jeito nenhum”. Segundo Toledo e Filho (2013, p.387), “frequentemente, muitos homossexuais se afastam de seus familiares ao conquistarem sua independência material”. O que não é diferente do caso dele, que não suporta mais ser tratado com indiferença dentro da sua própria casa.

Um momento forte da entrevista desse discente ocorreu quando ele relembrou o momento quando o pai descobriu sua homossexualidade e as palavras duras que dirigiu a ele. Palavras essas ainda não esquecidas por ele. “[...] meu pai falando que não nasceu para ter filho veado, que não queria ter filho veado, que preferia ter um filho bandido que um filho veado e aquelas frases. Aquilo ficou muito na minha cabeça [...]”. Sabemos que em um momento de forte emoção ficamos vulneráveis e muitas vezes falamos coisas sem pensar, é isso que nos faz acreditar que um pai consiga preferir ter um filho bandido a um filho gay. Também não podemos simplesmente culpá-lo por isso, pois este pai vive cercado por gente que reproduz esse discurso ofensivo e o convence acreditar que qualquer coisa é melhor que ter dentro de casa um filho gay.

Mesmo após as agressões verbais de seu pai, ele afirma que continuava amando o seu genitor e que não entendia por que ele negava seu amor. Aquelas palavras não saíam da sua cabeça, porém, apesar de ouvir palavras tão duras dele, o amor que sentia não diminua e ele gostaria que o amor do seu pai também não diminuísse. Depois de toda a turbulência da descoberta, Rodrigo diz que hoje as coisas já estão bem melhor, a convivência com seu pai está mais tranquila. Hoje, embora o pai não aceite, pelo menos já demonstra respeitar.

Ainda sobre a categoria preconceito familiar, o discente Emerson relata que tem medo de perder o afeto dos pais por ser homossexual, que existe uma divergência com seus pais, por eles não aceitarem a sua condição sexual, embora ele diga que não quer exatamente a aceitação deles, mas sim que o afeto não mude entre eles, que não se perca o afeto de pais e filho. O medo de perder o carinho da

família é um dos motivos pelo quais as pessoas homossexuais evitam revelar sua sexualidade. Sobre isso, Sedgwick (2007 apud TOLEDO; FILHO, 2013, p.386) diz:

[...] a revelação da própria orientação homossexual para amigos e familiares pode chegar a dois fins: o afeto entre as pessoas fazer a pessoa que recebe a notícia do segredo rever a própria homofobia, desconstruindo-a, ou, ao contrário, a homofobia desestabilizar a relação afetiva.

Esse medo de desestabilizar a relação afetiva entre seus familiares é bem comum entre as pessoas homossexuais, que acreditam que não terão mais o afeto dos seus pais como antes quando descobrirem que não são héteros. Para Emerson, é bem complicado, porque ele sempre manteve uma boa relação com seus pais, sempre viveram harmoniosamente, mas hoje sente que as coisas podem mudar com essa nova fase da sua vida, podendo surgir momentos de conflitos com seus familiares.

Em um determinado momento da entrevista, quando Emerson fala da sua mãe, fica bem visível que a preocupação maior dela está relacionada em como a sociedade vai aceitar o seu filho. A visão que ela tem é que é um caminho sem volta. Que a partir do momento que ele se afirmar como gay, quando ele expor isso para a sociedade, as pessoas não vão mais enxerga-lo como a pessoa que ele era.

A família dele não sabe que algumas pessoas sabem que ele é homossexual. Por isso Emerson não sabe como será a reação da sua família. Assim ele diz:

[...] eu não sei como a minha família vai enxergar, porque até onde eles sabem sobre mim, é que eu sou um menino que gosta de meninos, mas que só quem sabe são eles. Eles não sabem que outras pessoas sabem. Eles não sabem que eu vivo isso dentro da universidade, até porque eu não levo isso para as redes sociais, pelo menos se eu levo, é em pequena proporção é uma coisa ou outra. Então o que pode piorar é esse choque que eles venham a ter, que eles vão ter qualquer dia, que eu não vou conseguir guardar essa imagem que eles tem por muito tempo.

O medo dos seus familiares está muito preso ao que os outros vão pensar, de como a sociedade vai encarar, como ele vai ser aceito, como vai ser tratado, se vai continuar sendo respeitado. Na visão dos familiares, é como se a homossexualidade anulasse quem ele é. Ele deixa de ser o Emerson para ser apenas mais um sujeito homossexual, tendo consciência que muitas pessoas ainda enxergam isso como algo ruim. E assim eles transmitem esse mesmo pensamento para Emerson.

Todo esse medo da exposição, do que os outros vão pensar, de como os vizinhos e conhecidos da família vão reagir, o medo de envergonhar sua família, tudo isso contribui para que ele se sinta inseguro com relação ao afeto dos seus pais e do seu irmão para com ele, se isso poderá afastá-los, se o relacionamento entre eles irá mudar por causa disso.

Ainda nessa categoria, outra entrevistada afirma que o preconceito familiar muitas vezes não fica apenas nas agressões verbais e ela, a Amanda, é um exemplo disso, pois segundo ela, já foi agredida fisicamente por seu irmão quando ele descobriu que ela era lésbica. É incompreensível que o fato dele não aceitar sua condição sexual lhe dê o direito de batê-la por isso. Ele não causou só a dor física, causou o fim de uma relação amigável, de confiança que deveria existir entre os irmãos, perderam a ligação de irmandade entre eles. É o que ela diz: “[...] a gente até hoje não se fala direito. Isso tá com uns seis anos, a gente só fala o necessário [...]”.

O carinho de irmão deu a vez para uma agressão. A discente Amanda não foi vista como uma irmã, alguém que merece carinho e apoio. O seu irmão a olhou com o mesmo repúdio que as pessoas homossexuais são vistas dentro dessa sociedade preconceituosa. Essas pessoas são marginalizadas, discriminadas, violentadas, estereotipadas por uma sociedade conservadora e homofóbica.

O lar desses sujeitos entrevistados nem sempre é o lugar que eles conseguem ter liberdade de viver como gostariam, nem tão pouco conseguem o apoio das pessoas que eles mais gostariam de ter. O seio familiar torna-se mais um lugar construído e reproduzido pelo sistema que não demonstra interesse em proteger e acolher pessoas homossexuais, mas que procura enquadrar a todos dentro das normas heteronormativas. Sobre isso, Soliva (2009 apud PERUCCHI; BRANDÃO; VIEIRA, 2014, p. 70) afirma que:

No que concerne às relações familiares, ainda que, no senso comum, se considere que o espaço familiar seja de agregação de indivíduos, há nesta agregação a exigência de que a postura de seus membros seja compatível ao modelo hegemônico - tanto na organização e estruturação da família, enquanto instituição social, quanto às condutas de seus membros. Sendo assim, se seus membros são considerados como desviantes a tais regras, a família passa a se dispor de mecanismos violentos, sejam estes físicos ou psicológicos, na tentativa de reprimê-los e enquadrá-los à norma.

Nesse contexto, se evidencia que os discentes entrevistados não contam totalmente com o apoio dos seus familiares por eles não se enquadrarem nesses padrões ditos normais, sendo expostas as agressões verbais e físicas vindas das pessoas que eles mais gostam e que mais desejam o apoio.

Esse terceiro quadro também traz a categoria preconceito dentro da universidade, identificando que o preconceito contra homossexuais não está presente somente nos seus lares. Embora no primeiro quadro tenha apresentado a universidade como um espaço de liberdade para os discentes entrevistados, um espaço o qual eles podem ser quem eles são e que se sentem a vontade. No entanto, isso não significa que torne inexistente o preconceito vivenciado nessa instituição de ensino.

Na entrevista, cinco discentes, dos seis pesquisados, falam do preconceito contra homossexuais existentes dentro da universidade, mesmo que a maioria sejam preconceitos velados ou indiretamente. A discente Joana fala que ela se sente julgada dentro da universidade, mas de uma forma indireta, por ela não ter sua homossexualidade declarada. No entanto, ela escuta comentários de colegas julgando outras pessoas homossexuais. E pelo o fato dela também ser homossexual, ela se sente atingida. Como seus colegas não sabem que ela é lésbica, eles não se sentem constrangidos em criticar essas pessoas em sua frente. E mesmo isso a deixando incomodada, ela prefere ficar calada diante dos seus colegas, porque ela tem medo que pessoas que moram na mesma cidade que ela possam descobrir e sair contando, e o seu medo é que chegue aos ouvidos da sua mãe. Assim ela diz na entrevista: “[...] não tenho medo de dizer dentro da universidade, porém tenho medo de chegar aos ouvidos da minha mãe. Tem muita gente da mesma cidade que eu”.

A discente Letícia também fala do preconceito que existe contra os homossexuais dentro da universidade. Ela diz que por mais que na teoria a homossexualidade seja aceita hoje em dia, a partir do momento que a pessoa vai vivenciar isso, consegue sentir que não são aceitos, mesmo sendo num ambiente como a universidade.

A discente quer dizer que a universidade, por ser um espaço o qual as pessoas são mais instruídas, talvez pudesse oferecer uma aceitação maior que em outros ambientes, mas nem sempre isso acontece. Embora a universidade receba pessoas de diversos lugares, religiões, raças e sexualidades, não significa que, por

isso, não existirá o preconceito. Casais homossexuais evitam se expor dentro da universidade. Ela mesma afirma isso quando diz que “[...] não é comum você ver um casal lésbico aqui dentro da universidade. Por mais que eles namorem, elas namorem, não é comum. Elas têm medo de que outras pessoas saibam. Não só os amigos, mas o geral. Tem medo da reação do outro [...]”.

Com as palavras da discente Letícia podemos compreender que existe certo receio por parte dos casais homossexuais dentro da universidade. Eles evitam o contato mais próximo, que é comum entre os casais de namorados heterossexuais, como uma troca de abraço, beijo e carinho. Ainda não é aceitável nos espaços públicos a troca de carinho entre casais homossexuais, eles precisam se encontrar em lugares escondidos da vista das pessoas. É o que afirma Azevedo e Paiva (2014, p.115).

Uma relevante discussão a se fazer nos estudos de representação da homossexualidade refere-se ao espaço em que indivíduos se relacionam eroticamente. Como um submundo, este espaço está paralelo ao heteronormativo, mas escondido, fechado de alguma forma. O sujeito gay tem a sua sexualidade vivida nas sombras.

Casais homoafetivos se sentem desprotegidos em espaços públicos. Para eles, a liberdade de poder namorar em ambientes que casais heterossexuais podem namorar a vontade ainda não é uma realidade. Quando eles ousam viver essa liberdade em seus relacionamentos, é dividida com os olhares de repressão por pessoas que não conseguem tolerar esse tipo de união. Vale a pena salientar que o desejo de poder demonstrar afeto não é apenas pela questão de mostrar que está namorando ou que também tem alguém para beijar, não é uma competição com os heterossexuais, mas é a luta por um direito de escolha, de querer ou não beijar seu/sua companheiro/a em um espaço público. Podemos constatar isso na fala do discente Emerson, quando ele relata:

[...] você poder fazer a mesma coisa que as pessoas heterossexuais fazem, sabe, de ser uma questão de escolha que a gente não tem, pelo menos eu. Se eu quiser apertar a sua mão na hora e se eu quiser que seja uma escolha minha, eu quero apertar a sua mão. Aperto a sua mão e pronto, acabou. E não que seja algo que eu não possa. É diferente você não poder e você pelo menos ter essa liberdade de escolha, que é o que a gente não tem [...].

Vai muito além do que apenas querer sair abraçando e se beijando em público. É o desejo internalizado de poder ter a oportunidade de escolher se quer ou não

abraçar a pessoa que você namora naquela hora, de querer ou não beijar naquele lugar. A luta é pela liberdade de poder escolher trocar carinho sem que as pessoas tentem agredi-las ou os critiquem por estarem trocando afeto em um local que casais heterossexuais ficam a vontade.

Com relação a esse mesmo assunto, a discente Amanda diz que se sente muito desconfortável no meio das pessoas dentro da universidade, e que percebe olhares de desaprovação em ambientes como a cantina e a biblioteca, espaços muito frequentados por ela. Antes de ela entrar na universidade, ela não imaginava que seria assim. Amanda relata na entrevista, “[...] é muito desconfortável. Onde você estiver, você recebe olhares tortos da galera, porque a gente pensa que a universidade vai ser um negócio libertário, que vai ser massa, cabeça boa, vai ser compreensível ou que pelo menos vai dialogar, mas não”.

Assim como a discente Amanda, o discente Rodrigo relata um caso semelhante de preconceito. Ele disse que já ouviu alguns alunos na cantina falando sobre homossexuais de forma preconceituosa, usando palavras que causam aborrecimento para o discente, ditas ao lado dele, mas sem que as pessoas soubessem que ele era homossexual.

Podemos perceber que os sujeitos pesquisados não sofreram nenhum tipo de preconceito ou discriminação por serem homossexuais de forma explícita, mas eles sentem o preconceito que está em volta deles, um preconceito ainda encoberto. Talvez seja pelo fato de estarem dentro de uma universidade. Pelo menos esse é o pensamento partilhado pelo discente Emerson ao dizer que na universidade não significa que não tem preconceito, o que acontece é que as pessoas que frequentam esse meio tem uma liberdade maior, são mais tolerantes, o que faz com que as pessoas que tem preconceitos fiquem mais caladas, não se exponham tanto porque dentro da instituição elas são minorias.

Para o discente Emerson, uma pessoa que é preconceituosa não irá deixar de ser pelo fato de estar na universidade, porque isso já vem dentro dela. A visão que ele tem é que “[...] se você tem um preconceito lá fora, é claro que você vai ter aqui dentro. A diferença é que a universidade vai ter uma tolerância maior [...]”. Ainda temos essa ideia construída que a universidade é um âmbito educacional que ajuda a estimular o intelectual dos seus estudantes, fazendo-os refletirem sobre suas ideologias.

O fato da universidade também acolher uma diversidade cultural fortalece ainda mais a obrigação de aprender a respeitar o próximo nas suas diferenças. Todos, sem exceção, merecem ser respeitados, independente de cor, raça, gênero ou orientação sexual. Contudo, sabemos que em qualquer lugar ou situação, sempre haverá exceções, e na universidade não é diferente. Por isso, mesmo que de forma sutil, casos de preconceitos por parte da classe estudantil ainda acontecem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela observação dos aspectos analisados podemos constatar que os discentes pesquisados, antes de qualquer coisa, tem a universidade como um espaço de liberdade, onde eles vivem sem se sentirem tão policiados, sem precisar está fingindo ser quem não são. A universidade é o ambiente que favorece a manifestação da pluralidade sexual e por isso eles sentem que podem viver a homossexualidade sem tanto receio de sofrerem preconceito.

Em razão dos fatos mencionados, podemos comprovar que apesar deles se sentirem tão a vontade, não impede que o preconceito dentro da universidade aconteça. Cinco sujeitos falam sobre isso, que embora seja numa pequena porcentagem com relação aos outros ambientes, não deixa de existir o preconceito. O que acontece é que pessoas que tem preconceitos contra homossexuais preferem não demonstrar de forma direta. Por isso, observamos que o preconceito dentro da instituição, embora exista, é algo velado, resguardado e quem sente prefere não expor.

Concluimos que o ambiente familiar é o espaço que o preconceito é vivenciado de forma mais sofrida por nossos entrevistados. Cinco sujeitos falam do preconceito vivido dentro de casa de forma direta e indireta. Já que alguns desses sujeitos ainda não são declarados, eles temem que com a revelação da sua homossexualidade, a família venha a rejeitá-los. Eles convivem com o medo da rejeição, com o medo de decepcioná-los, de serem expulsos de casa e até mesmo de sofrerem agressão por causa da sua condição sexual.

Concluimos ainda que a resistência faz parte do dia a dia desses sujeitos. Três deles falam da relevância de lutar por espaço, direitos e respeito em todos os lugares que frequentam. Os preconceitos vividos por eles impulsionam a quebrarem esse preconceito enraizado em busca de conquistar o direito de poder ser o que são. A universidade tornou-se um espaço de resistência para esses sujeitos, por meio dos conhecimentos adquiridos dentro dessa instituição, que os tornou mais conscientes e reflexivos com relação as causas pelas quais devem lutar e resistir, não aceitando mais a obrigação de terem que seguir padrões impostos a eles desde muito cedo.

Na última década houve grandes conquistas do movimento LGBTTTT, como o casamento homoafetivo, o direito a adoção e o reconhecimento da formação de um núcleo familiar composto por casais homossexuais. A participação dos nossos entrevistados nestes movimentos trouxe, por um lado, a necessidade de que estes discentes homossexuais lutem pela conquista de espaço dentro da universidade e em qualquer outro espaço, para que estes não sintam medo de declarar sua homossexualidade por receio de serem excluídos dos seus grupos. Por outro lado, trouxe um medo maior de serem agredidos e mortos por ataques homofóbicos.

Esta pesquisa trouxe contribuições no sentido de proporcionar um pouco mais de visibilidade a comunidade LGBTTTT e instigar a realização de outras pesquisas, além de seus resultados terem trazido reflexões em torno dessa temática, até que chegue o dia que essas discussões sejam desnecessárias, que não haja mais necessidade de se falar tanto nisso, porque já terá se tornado algo aceitável na sociedade, quando todos serão iguais em suas diferenças. Enquanto isso ainda não é uma realidade, será preciso falar, escrever e lutar para que se conquiste de fato a igualdade de direitos.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Maria da Glória de Castro; PAIVA, Pedro Henrique Gomes. O ilícito desejo em morangos mofados de caio Fernando de Abreu. In: RISCAROLI, Eliseu. (org). **Diversidades diálogos (Im) pertinentes entre educação, literatura e sexualidade**. 1 ed. Curitiba, PR: Editora CRV, 2014.

BANDEIRA, Lourdes; BATISTA, Analía Soria. Preconceito e discriminação como expressões de violência. **Rev. Estud. Fem.** [online]. 2002, vol.10, n.1, pp. 119-141. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11632.pdf>. Acesso 05 de março de 2016.

BÍBLIA. A. T. Romanos. In: **BÍBLIA**: Português. Bíblia sagrada: contendo o antigo e o novo testamento. Tradução de Mateus Hoepers. Rio de Janeiro: Editora: Vozes Ltda, 1982. p. 1329 – 1330.

_____. Levítico. In: **BÍBLIA**. Português. Bíblia sagrada: contendo o antigo e novo testamento. Tradução de Ludovico Garmus. Rio de Janeiro: Editora: Vozes Ltda, 1982. p. 146.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. [tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira]. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BRITO, Raissa Carneiro de; TAVARES, Derek Warwick da Silva. et.al. Protocolo verbal e Teste de Associação Livre de Palavras: perspectivas de instrumentos de pesquisa introspectiva e projetiva na ciência da informação. **Rev. Ponto de Acesso**, v.8. n.3. p.64–79. Salvador, 2014. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/download/12917/9240>. Acesso: 15 de agosto de 2016.

CAMINO, Leoncio; LACERDA, Marcos; PEREIRA, Cícero. Um Estudo sobre as Formas de Preconceito contra Homossexuais na Perspectiva das Representações Sociais. **Rev. Psicologia: Reflexão e Crítica**, 2002, 15(1), pp. 165-178. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v15n1/a18v15n1.pdf>. Acesso: 05 de março de 2016.

CERQUEIRA-SANTOS, Elder; SANTANA, Geovanna. Adoção homoparental e preconceito: crenças de estudantes de direito e serviço social. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto , v. 23, n. 4, p. 873-885, dez. 2015. Disponível em < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413389X2015000400007. Acesso em 09 de março de 2017.

COSTA, Adriano Henrique Caitano; JOCA, Alexandre Martins. **Desatando nós**: fundamentos para a práxis educativa sobre gênero e diversidade sexual. COSTA, Adriano Henrique Caitano; JOCA, Alexandre Martins; LOIOLA, Luís Palhano. (Org). – Fortaleza: Ed. UFC, 2009.

DIAS, Maria Berenice. Aspectos éticos e jurídicos das uniões homoafetivas. In: RISCAROLI, Eliseu. (org). **Diversidades diálogos (Im) pertinentes entre educação, literatura e sexualidade**. 1 ed. Curitiba, PR: Editora CRV, 2014.

EDDINE, Eder Ahmad Charaf. As homossexualidades e suas relações com a psicologia e a educação. In: RISCAROLI, Eliseu. (org). **Diversidades diálogos (Im) pertinentes entre educação, literatura e sexualidade**. 1 ed. Curitiba, PR: Editora CRV, 2014.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa**. 4. ed. rev. ampliada. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque – Rio de Janeiro, 23 ed. Edições Graal, 2013.

FURLANI, Jimena. **Mitos e tabus da sexualidade humana: subsídios ao trabalho em educação sexual**. – 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. -5. Ed. – São Paulo: Atlas, 2010.

GUIMARAES, Anderson Fontes Passos. O desafio histórico de "tornar-se um homem homossexual": um exercício de construção de identidades. **Temas psicol.** Ribeirão Preto , v. 17, n. 2, p. 553-567, 2009 . Disponível em < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2009000200023>. Acesso em 13 nov. 2016.

HEILBORN, Maria Luiza. Construção de si, gênero e sexualidade. In: **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: ed. Zahar, 1999.

LOIOLA, Luís Palhano. **Diversidade Sexual: Perspectivas Educacionais**. – Fortaleza. Ed. UFC, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In. LOURO, Guacira Lopes (Org). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

_____. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

MATOS, Kelma Socorro Lopes; VIEIRA, Sofia Lerche. **Pesquisa Educacional: o prazer de conhecer**. Fortaleza - CE: Edições Demócrito Rocha p.39-68, 2002.

PALMA, Yáskara Arrial; LEVANDOWSKI, Daniela Centenaro. Vivências pessoais e familiares de homossexuais femininas. **Psicol. estud.**, Maringá , v. 13, n. 4, p. 771-779, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722008000400015. Acesso em: 01 de fev. 2017.

PERUCCHI, Juliana; BRANDAO, Brune Coelho; VIEIRA, Hortênsia Isabela dos Santos. Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens

lésbicas e gays. **Estud. psicol.**, Natal , v. 19, n. 1, p. 67-76, Mar. 2014 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2014000100009 . Acesso em: 02 fev. 2017.

PRADO, Marco Aurélio Máximo. Prefácio. In: BORRILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. [tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira]. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

SILVA, Meire Lúcia Andrade. **O papel do coordenador pedagógico enquanto agente articulador da formação continuada**. Barreiras - Bahia. 2011.

TOLEDO, Livia Gonsalves; TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva. Homofobia familiar: abrindo o armário 'entre quatro paredes'. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro , v. 65, n.3, p.376-391, 2013. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180952672013000300005 . Acesso em 01 fev. 2017.

VIEIRA, Luciana Leila Fontes. As Múltiplas Faces da Homossexualidade na obra freudiana. **Revista Mal-estar e Subjetividade** – Fortaleza – v.9 – n. 2 – p. 487-525 – jun/2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482009000200006 Acesso: 13 de novembro de 2015.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

APÉNDICES



Universidade Federal
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores
Unidade Acadêmica de Educação
Campus de Cajazeiras - PB



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO – UAE**

**Apêndice A
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Você está sendo convidado (a) a participar como voluntário (a) no estudo “CADA UM SABE A DOR E A DELÍCIA DE SER O QUE É”: ANÁLISE SOBRE SER HOMOSSEXUAL NA UNIVERSIDADE, coordenado pela Prof.^a Ms. Ane Cristine Hermínio Cunha, vinculada a UAE/CFP/UFCG.

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo geral **analisar como os discentes vivenciam ser homossexual na Universidade. Bem como, identificar as vivências de ser homossexual nas relações parentais e verificar como acontece a aceitação dos estudantes homossexuais por parte da classe estudantil.**

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum voluntário (a).

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa poderá ser requisitada em NOME DO COORDENADOR.

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, além de como será conduzida em relação a minha participação. Portanto, concordo em participar voluntariamente deste estudo.

Assinatura do participante voluntário (a) do estudo

Assinatura do responsável legal

Assinatura do responsável pelo estudo